

## *Apresentação*

### *A esperança dos pobres jamais se frustrará (Sl 9,19)*

“*A esperança dos pobres jamais se frustrará*”. A mensagem que emerge das palavras do Salmo 9 é o tema central do *III Dia Mundial dos Pobres*. Trata-se de um olhar cheio de esperança, dirigido a todos os que sabem encontrar, mesmo nas condições de vida mais desesperantes, a certeza da intervenção do Senhor.

Na Mensagem para esse *Dia*, o Papa Francisco, através das palavras do Salmista, as quais, apesar da distância temporal, são de impressionante atualidade, oferece-nos uma bela definição do pobre: “é o homem da confiança” (n. 3). É aquele que “confia no Senhor” porque o conhece; isto é, porque mantém uma “relação pessoal de afeto e de amor” com Deus. A esperança do pobre não se frustrará e Deus intervém em seu favor para devolver-lhe a dignidade pedida e liberá-lo da escravidão constituída pela precariedade da marginalização.

Daqui brota a reflexão sobre o compromisso concreto que todos somos chamados a assumir “na vida ordinária de cada dia”, um compromisso que “não consiste apenas em iniciativas de assistência que, embora louváveis e necessárias, devem tender a aumentar em cada um aquela atenção plena, que é devida a toda a pessoa que se encontra em dificuldade” (n. 7). O Papa Francisco retorna a um tema que lhe é particularmente especial: “Antes de tudo, os pobres precisam de Deus, do seu amor tornado visível por pessoas santas que vivem ao lado deles e que, na simplicidade da sua vida, exprimem e fazem emergir a força do amor cristão. Deus serve-se de tantos caminhos e de infinitos instrumentos para alcançar o coração das pessoas. É certo que os pobres também se aproximam de nós porque estamos a distribuir-lhes o alimento, mas aquilo de que verdadeiramente precisam ultrapassa a sopa quente ou a sanduíche que oferecemos. Os pobres precisam das nossas mãos para se reerguer, dos nossos corações para sentir de novo o calor do afeto, da nossa presença para superar a solidão. Precisam simplesmente de amor” (n. 8). É um desafio, portanto, saber enxergar o essencial e viver as palavras de Jesus: “*todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!*” (Mt 25, 40).

Este *subsídio pastoral* se propõe a ser um simples instrumento oferecido às dioceses, às paróquias e a todas as várias realidades eclesiais para a preparação e a celebração do *III Dia Mundial dos Pobres*, um auxílio que permita refletir sobre como restituir esperança àqueles que o mundo parece querer abandonar a uma vida de solidão e discriminação. O *Dia Mundial dos Pobres* seja, mais uma vez, uma ocasião para que a ninguém falte a nossa ajuda e a nossa proximidade. A Igreja não pode fechar os olhos diante de quem se encontra especialmente necessitado, e nem permanecer calada. Somos provocados, por conseguinte, a sair do individualismo que nos fecha em nós mesmos e nas nossas próprias exigências para promover, antes de mais nada, uma mudança de mentalidade, na esperança de que nos tornemos instrumentos de Deus para a promoção da vida e a libertação dos pobres.

✠ Rino Fisichella

*Presidente do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização*

# MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO

## PARA O III DIA MUNDIAL DOS POBRES

### XXXIII Domingo do Tempo Comum

17 de novembro de 2019

#### «A esperança dos pobres jamais se frustrará»

1. «A esperança dos pobres jamais se frustrará» (Sl 9, 19). Estas palavras são de incrível atualidade. Expressam uma verdade profunda, que a fé consegue gravar sobretudo no coração dos mais pobres: a esperança perdida devido às injustiças, aos sofrimentos e à precariedade da vida será restabelecida.

O salmista descreve a condição do pobre e a arrogância de quem o oprime (cf. Sl 10, 1-10). Invoca o juízo de Deus, para que seja restabelecida a justiça e vencida a iniquidade (cf. Sl 10, 14-15). Parece ecoar nas suas palavras uma questão que atravessa o decurso dos séculos até aos nossos dias: como é que Deus pode tolerar esta desigualdade? Como pode permitir que o pobre seja humilhado, sem intervir em sua ajuda? Por que consente que o opressor tenha vida feliz, enquanto o seu comportamento haveria de ser condenado precisamente devido ao sofrimento do pobre?

No período da redação do Salmo, assistia-se a um grande desenvolvimento económico, que acabou também – como acontece frequentemente – por gerar fortes desequilíbrios sociais. A desigualdade gerou um grupo considerável de indigentes, cuja condição aparecia ainda mais dramática quando comparada com a riqueza alcançada por poucos privilegiados. Observando esta situação, o autor sagrado pinta um quadro realista e muito verdadeiro.

Era o tempo em que pessoas arrogantes e sem qualquer sentido de Deus espiavam os pobres para se apoderar até do pouco que tinham, reduzindo-os à escravidão. A realidade, hoje, não é muito diferente! A numerosos grupos de pessoas, a crise económica não lhes impediu um enriquecimento tanto mais anómalo quando confrontado com o número imenso de pobres que vemos pelas nossas estradas e a quem falta o necessário, acabando por vezes humilhados e explorados. Acodem à mente estas palavras do Apocalipse: «Porque dizes: “sou rico, enriqueci e nada me falta”, e não te dás conta de que és um infeliz, um miserável, um pobre, um cego, um nu?» (3, 17). Passam os séculos, mas permanece imutável a condição de ricos e pobres, como se a experiência da história não ensinasse nada. Assim, as palavras do salmo não dizem respeito ao passado, mas ao nosso presente submetido ao juízo de Deus.

2. Também hoje devemos elencar muitas formas de novas escravidões a que estão submetidos milhões de homens, mulheres, jovens e crianças.

Todos os dias encontramos *famílias* obrigadas a deixar a sua terra à procura de formas de subsistência noutra lugar; *órfãos* que perderam os pais ou foram violentamente separados deles para uma exploração brutal; *jovens* em busca duma realização profissional, cujo acesso lhes é impedido por míopes políticas económicas; *vítimas* de tantas formas de violência, desde a prostituição à droga, e humilhadas no seu íntimo. Além disso, como esquecer os milhões de *migrantes* vítimas de tantos interesses ocultos, muitas vezes instrumentalizados

para uso político, a quem se nega a solidariedade e a igualdade? E tantas pessoas *sem abrigo e marginalizadas* que vagueiam pelas estradas das nossas cidades?

Quantas vezes vemos os pobres nas *lixeyras* a catar o descarte e o supérfluo, a fim de encontrar algo para se alimentar ou vestir! Tendo-se tornado, eles próprios, parte duma lixeira humana, são tratados como lixo, sem que isto provoque qualquer sentido de culpa em quantos são cúmplices deste escândalo. Aos pobres, frequentemente considerados parasitas da sociedade, não se lhes perdoa sequer a sua pobreza. A condenação está sempre pronta. Não se podem permitir sequer o medo ou o desânimo: simplesmente porque pobres, serão tidos por ameaçadores ou incapazes.

Drama dentro do drama, não lhes é consentido ver o fim do túnel da miséria. Chegou-se ao ponto de teorizar e realizar uma *arquitetura hostil* para desembaraçar-se da sua presença mesmo nas estradas, os últimos espaços de acolhimento. Vagueiam duma parte para outra da cidade, esperando obter um emprego, uma casa, um afeto... Qualquer possibilidade que eventualmente lhes seja oferecida, torna-se um vislumbre de luz; e mesmo nos lugares onde deveria haver pelo menos justiça, até lá muitas vezes se abate sobre eles violentamente a prepotência. Constrangidos durante horas infinitas sob um sol abrasador para recolher a fruta da época, são recompensados com um ordenado irrisório; não têm segurança no trabalho, nem condições humanas que lhes permitam sentir-se iguais aos outros. Para eles, não existe fundo de desemprego, liquidação nem sequer a possibilidade de adoecer.

Com vivo realismo, o salmista descreve o comportamento dos ricos que roubam os pobres: «Arma ciladas para assaltar o pobre e (...) arrasta-o na sua rede» (cf. *Sl* 10, 9). Para eles, é como se se tratasse duma caçada, na qual os pobres são perseguidos, presos e feitos escravos. Numa condição assim, fecha-se o coração de muitos, e leva a melhor o desejo de desaparecer. Em suma, reconhecemos uma multidão de pobres, muitas vezes tratados com retórica e suportados fastidiosamente. Como que se tornam invisíveis, e a sua voz já não tem força nem consistência na sociedade. Homens e mulheres cada vez mais estranhos entre as nossas casas e marginalizados entre os nossos bairros.

3. O contexto descrito pelo salmo tinge-se de tristeza, devido à injustiça, ao sofrimento e à amargura que fere os pobres. Apesar disso, dá uma bela definição do pobre: é aquele que «confia no Senhor» (cf. 9, 11), pois tem a certeza de que nunca será abandonado. Na Escritura, o pobre é o homem da confiança! E o autor sagrado indica também o motivo desta confiança: ele «conhece o seu Senhor» (cf. 9, 11) e, na linguagem bíblica, este «conhecer» indica uma relação pessoal de afeto e de amor.

Encontramo-nos perante uma descrição verdadeiramente impressionante, que nunca esperaríamos. Assim faz sobressair a grandeza de Deus, quando Se encontra diante dum pobre. A sua força criadora supera toda a expectativa humana e concretiza-se na «recordação» que Ele tem daquela pessoa concreta (cf. 9, 13). É precisamente esta confiança no Senhor, esta certeza de não ser abandonado, que convida o pobre à esperança. Sabe que Deus não o pode abandonar; por isso, vive sempre na presença daquele Deus que Se recorda dele. A sua ajuda estende-se para além da condição atual de sofrimento, a fim de delinear um caminho de libertação que transforma o coração, porque o sustenta no mais profundo do seu ser.

4. Constitui um refrão permanente da Sagrada Escritura a descrição da ação de Deus em favor dos pobres. É Aquele que «escuta», «intervém», «protege», «defende», «resgata», «salva»...

Em suma, um pobre não poderá jamais encontrar Deus indiferente ou silencioso perante a sua oração. É Aquele que faz justiça e não esquece (cf. *Sl* 40, 18; 70, 6); mais, constitui um refúgio para o pobre e não cessa de vir em sua ajuda (cf. *Sl* 10, 14).

Podem-se construir muitos muros e obstruir as entradas, iludindo-se assim de sentir-se a seguro com as suas riquezas em prejuízo dos que ficam do lado de fora. Mas não será assim para sempre. O «dia do Senhor», descrito pelos profetas (cf. *Am* 5, 18; *Is* 2 – 5; *Jl* 1 – 3), destruirá as barreiras criadas entre países e substituirá a arrogância de poucos com a solidariedade de muitos. A condição de marginalização, em que vivem acabrunhadas milhões de pessoas, não poderá durar por muito tempo. O seu clamor aumenta e abraça a terra inteira. Como escrevia o Padre Primo Mazzolari: «O pobre é um contínuo protesto contra as nossas injustiças; o pobre é um paiol. Se lhe ateias o fogo, o mundo vai pelo ar».

5. Não é possível jamais iludir o premente apelo que a Sagrada Escritura confia aos pobres. Para onde quer que se volte o olhar, a Palavra de Deus indica que os pobres são todos aqueles que, não tendo o necessário para viver, dependem dos outros. São o oprimido, o humilde, aquele que está prostrado por terra. Mas, perante esta multidão inumerável de indigentes, Jesus não teve medo de se identificar com cada um deles: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (*Mt* 25, 40). Esquivar-se desta identificação equivale a ludibriar o Evangelho e diluir a revelação. O Deus que Jesus quis revelar é este: um Pai generoso, misericordioso, inexaurível na sua bondade e graça, que dá esperança sobretudo a quantos estão desiludidos e privados de futuro.

Como não assinalar que as Bem-aventuranças, com que Jesus inaugurou a pregação do Reino de Deus, começam por esta expressão: «Felizes vós, os pobres» (*Lc* 6, 20)? O sentido deste anúncio paradoxal é precisamente que o Reino de Deus pertence aos pobres, porque estão na condição de o receber. Encontramos tantos pobres cada dia! Às vezes parece que o transcorrer do tempo e as conquistas da civilização, em vez de diminuir o seu número, aumentam-no. Passam os séculos, e aquela Bem-aventurança evangélica apresenta-se cada vez mais paradoxal: os pobres são sempre mais pobres, e hoje são-no ainda mais. Mas, colocando no centro os pobres ao inaugurar o seu Reino, Jesus quer-nos dizer precisamente isto: Ele *inaugurou*, mas confiou-nos, a nós seus discípulos, a tarefa de lhe dar seguimento, com a responsabilidade de dar esperança aos pobres. Sobretudo num período como o nosso, é preciso reanimar a esperança e restabelecer a confiança. É um programa que a comunidade cristã não pode subestimar. Disso depende a credibilidade do nosso anúncio e do testemunho dos cristãos.

6. Ao aproximar-se dos pobres, a Igreja descobre que é um povo, espalhado entre muitas nações, que tem a vocação de fazer com que ninguém se sinta estrangeiro nem excluído, porque a todos envolve num caminho comum de salvação. A condição dos pobres obriga a não se afastar do Corpo do Senhor que sofre neles. Antes, pelo contrário, somos chamados a tocar a sua carne para nos comprometermos em primeira pessoa num serviço que é autêntica evangelização. A promoção, mesmo social, dos pobres não é um compromisso extrínseco ao anúncio do Evangelho; pelo contrário, manifesta o realismo da fé cristã e a sua validade histórica. O amor que dá vida à fé em Jesus não permite que os seus discípulos se fechem num individualismo asfíxiador, oculto nas pregas duma intimidade espiritual, sem qualquer influxo na vida social (cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 183).

Recentemente, choramos a perda dum grande apóstolo dos pobres, Jean Vanier, o qual, com a sua dedicação, abriu novos caminhos à partilha promotora das pessoas marginalizadas. Jean Vanier recebeu de Deus o dom de dedicar toda a sua vida aos irmãos com deficiências profundas, que muitas vezes a sociedade tende a excluir. Foi um «santo da porta ao lado» da nossa; com o seu entusiasmo, soube reunir à sua volta muitos jovens, homens e mulheres, que, com o seu empenho diário, deram amor e devolveram o sorriso a tantas pessoas vulneráveis e frágeis, oferecendo-lhes uma verdadeira «arca» de salvação contra a marginalização e a solidão. Este seu testemunho mudou a vida de muitas pessoas e ajudou o mundo a olhar com olhos diferentes para as pessoas mais frágeis e vulneráveis. O clamor dos pobres foi ouvido e gerou uma esperança inabalável, criando sinais visíveis e palpáveis dum amor concreto, que podemos constatar até ao dia de hoje.

7. «A opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora» (*ibid.*, 195), é uma escolha prioritária que os discípulos de Cristo são chamados a abraçar para não trair a credibilidade da Igreja e dar uma esperança concreta a tantos indefesos. É neles que a caridade cristã encontra a sua prova real, porque quem partilha os seus sofrimentos com o amor de Cristo recebe força e dá vigor ao anúncio do Evangelho.

O compromisso dos cristãos, por ocasião deste *Dia Mundial* e sobretudo na vida ordinária de cada dia, não consiste apenas em iniciativas de assistência que, embora louváveis e necessárias, devem tender a aumentar em cada um aquela atenção plena, que é devida a toda a pessoa que se encontra em dificuldade. «Esta atenção amiga é o início duma verdadeira preocupação» (*ibid.*, 199) pelos pobres, buscando o seu verdadeiro bem. Não é fácil ser testemunha da esperança cristã no contexto cultural do consumismo e do descarte, sempre propenso a aumentar um bem-estar superficial e efémero. Requer-se uma mudança de mentalidade para redescobrir o essencial, para encarnar e tornar incisivo o anúncio do Reino de Deus.

A esperança comunica-se também através da consolação que se implementa acompanhando os pobres, não por alguns dias permeados de entusiasmo, mas com um compromisso que perdura no tempo. Os pobres adquirem verdadeira esperança, não quando nos veem gratificados por lhes termos concedido um pouco do nosso tempo, mas quando reconhecem no nosso sacrifício um ato de amor gratuito que não procura recompensa.

8. A tantos voluntários, a quem muitas vezes é devido o mérito de ter sido os primeiros a intuir a importância desta atenção aos pobres, peço para crescerem na sua dedicação. Queridos irmãos e irmãs, exorto-vos a procurar, em cada pobre que encontrais, aquilo de que ele tem verdadeiramente necessidade; a não vos deter na primeira necessidade material, mas a descobrir a bondade que se esconde no seu coração, tornando-vos atentos à sua cultura e modos de se exprimir, para poderdes iniciar um verdadeiro diálogo fraterno. Coloquemos de parte as divisões que provêm de visões ideológicas ou políticas, fixemos o olhar no essencial que não precisa de muitas palavras, mas dum olhar de amor e duma mão estendida. Nunca vos esqueçais que «a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual» (*ibid.*, 200).

Antes de tudo, os pobres precisam de Deus, do seu amor tornado visível por pessoas santas que vivem ao lado deles e que, na simplicidade da sua vida, exprimem e fazem emergir a força do amor cristão. Deus serve-se de tantos caminhos e de infinitos instrumentos para alcançar o coração das pessoas. É certo que os pobres também se aproximam de nós porque

estamos a distribuir-lhes o alimento, mas aquilo de que verdadeiramente precisam ultrapassa a sopa quente ou a sanduíche que oferecemos. Os pobres precisam das nossas mãos para se reerguer, dos nossos corações para sentir de novo o calor do afeto, da nossa presença para superar a solidão. Precisam simplesmente de amor...

9. Por vezes, basta pouco para restabelecer a esperança: basta parar, sorrir, escutar. Durante um dia, deixemos de parte as estatísticas; os pobres não são números, que invocamos para nos vangloriar de obras e projetos. Os pobres são pessoas a quem devemos encontrar: são jovens e idosos sozinhos que se hão de convidar a entrar em casa para partilhar a refeição; homens, mulheres e crianças que esperam uma palavra amiga. Os pobres salvam-nos, porque nos permitem encontrar o rosto de Jesus Cristo.

Aos olhos do mundo, é irracional pensar que a pobreza e a indigência possam ter uma força salvífica; e, todavia, é o que ensina o Apóstolo quando diz: «Humanamente falando, não há entre vós muitos sábios, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa. Assim, ninguém se pode vangloriar diante de Deus» (*1 Cor 1, 26-29*). Com os olhos humanos, não se consegue ver esta força salvífica; mas, com os olhos da fé, é possível vê-la em ação e experimentá-la pessoalmente. No coração do Povo de Deus em caminho, palpita esta força salvífica que não exclui ninguém, e a todos envolve numa verdadeira peregrinação de conversão para reconhecer os pobres e amá-los.

10. O Senhor não abandona a quem O procura e a quantos O invocam; «não esquece o clamor dos pobres» (*Sl 9, 13*), porque os seus ouvidos estão atentos à sua voz. A esperança do pobre desafia as várias condições de morte, porque sabe que é particularmente amado por Deus e, assim, triunfa sobre o sofrimento e a exclusão. A sua condição de pobreza não lhe tira a dignidade que recebeu do Criador; vive na certeza de que a mesma ser-lhe-á restabelecida plenamente pelo próprio Deus. Ele não fica indiferente à sorte dos seus filhos mais frágeis; pelo contrário, observa as suas fadigas e sofrimentos, para os tomar na sua mão, e dá-lhes força e coragem (cf. *Sl 10, 14*). A esperança do pobre torna-se forte com a certeza de que é acolhido pelo Senhor, n'Ele encontra verdadeira justiça, fica revigorado no coração para continuar a amar (cf. *Sl 10, 17*).

Aos discípulos do Senhor Jesus, a condição que se lhes impõe para serem evangelizadores coerentes é semear sinais palpáveis de esperança. A todas as comunidades cristãs e a quantos sentem a exigência de levar esperança e conforto aos pobres, peço que se empenhem para que este *Dia Mundial* possa reforçar em muitos a vontade de colaborar concretamente para que ninguém se sinta privado da proximidade e da solidariedade. Acompanhem-nos as palavras do profeta que anuncia um futuro diferente: «Para vós, que respeitais o meu nome, brilhará o sol de justiça, trazendo a cura nos seus raios» (*Ml 3, 20*).

Vaticano, na Memória litúrgica de Santo António de Lisboa, 13 de junho de 2019.

**Francisco**

# HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica Vaticana

XXXIII Domingo do Tempo Comum

18 de novembro de 2018

Debrucemo-nos sobre três ações que Jesus realiza no Evangelho.

A primeira. Em pleno dia, *deixa*... deixa a multidão na hora do sucesso, quando era aclamado por ter multiplicado os pães. E os discípulos queriam gozar do triunfo, mas Jesus obrigou-os imediatamente a partir, enquanto Ele despede a multidão (cf. *Mt* 14, 22-23). Procurado pelo povo, retira-Se sozinho; quando tudo se apresentava «em descida», Ele sobe ao monte para rezar. Depois, no coração da noite, desce do monte e vai ter com os Seus, caminhando sobre as águas agitadas pelo vento. Em tudo isto, Jesus vai contracorrente: primeiro deixa o sucesso, depois a tranquilidade. Ensina-nos *a coragem de deixar*: deixar o sucesso que ensoberbece o coração, e a tranquilidade que adormece a alma.

Para ir... aonde? A Deus, rezando, e a quem tem necessidade, amando. São os verdadeiros tesouros da vida: Deus e o próximo. Subir até Deus e descer até aos irmãos: eis a rota indicada por Jesus. Subtrai-nos, assim, à tendência de nos apascentarmos calmamente nas cómodas planícies da vida, de deixar correr ociosamente a vida por entre as pequenas satisfações do dia-a-dia. Os discípulos de Jesus não estão feitos para a previsível tranquilidade duma vida normal. Como o Senhor Jesus, vivem o seu caminho, leves, prontos a deixar as glórias do momento, atentos a não se apegar aos bens que passam. O cristão sabe que a sua pátria não é aqui, sabe – como recorda o apóstolo Paulo na segunda Leitura – que já é «concidadão dos santos e membro da casa de Deus» (cf. *Ef* 2, 19). É um ágil viandante da existência. Não vivemos para acumular: a nossa glória está em deixar o que passa, para guardarmos aquilo que permanece. Peçamos a Deus a graça de nos assemelharmos à Igreja descrita na primeira Leitura: sempre em movimento, especialista no deixar e fiel no servir (cf. *At* 28, 11-14). Despertai-nos, Senhor, da calmaria ociosa, da bonança tranquila dos nossos portos seguros. Desligai-nos das amarras da autorreferencialidade que atulham a vida, libertai-nos da busca dos nossos sucessos. Ensinai-nos, Senhor, a saber *deixar*, para orientar a rota da vida pela tua: rumo a Deus e ao próximo.

A segunda ação: em plena noite, Jesus *encoraja*. Vai ter com os Seus, submersos na escuridão, caminhando «sobre o mar» (*Mt* 14, 25). Na realidade, tratava-se de um lago; mas naquele tempo o mar, com a profundidade dos seus abismos tenebrosos, evocava as forças do mal. Por outras palavras, Jesus vai ao encontro dos Seus, calcando os inimigos malignos do homem. Tal é o significado deste sinal: não uma manifestação celebrativa de força, mas a revelação, que nos é feita, da certeza tranquilizadora de que Jesus, só Ele, Jesus, vence os nossos grandes inimigos: o diabo, o pecado, a morte, o medo, o mundanismo. Hoje, Ele diz também a nós: «Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!» (14, 27).

A barca da nossa vida vê-se, frequentemente, balanceada pelas ondas e sacudida pelos ventos; e, se as águas por vezes estão calmas, não tardam a agitar-se. Então irritamo-nos com as tempestades do momento, como se fossem os nossos únicos problemas. Mas o problema não é a tempestade presente, mas o modo como navegar na vida. O segredo de bem navegar é

convidar Jesus a subir para bordo. O leme da vida deve ser dado a Ele, para que seja Jesus a traçar a rota. Com efeito, só Ele dá vida na morte, e esperança na dor; só Ele cura o coração com o perdão, e liberta do medo com a confiança. Convidemos, hoje, Jesus a subir para a barca da vida. Como os discípulos, experimentaremos que, com Ele a bordo, amainam os ventos (cf. 14, 32) e nunca sofremos naufrágio. Com Ele a bordo, nunca sofremos naufrágio. E só com Jesus é que nos tornamos capazes também de encorajar. Há uma grande necessidade de pessoas que saibam consolar, não com palavras vazias, mas com palavras de vida, com gestos de vida. No nome de Jesus, encontramos e oferecemos verdadeira consolação: não são os encorajamentos formais e previstos que restauram, mas a presença de Jesus. *Encorajai-nos*, Senhor! Consolados por Vós, seremos verdadeiros consoladores para os outros.

E a terceira ação de Jesus: no meio da tempestade, *estende a mão* (cf. 14, 31). Agarra Pedro que, assustado, duvidara e, afundando, gritou: «Salva-me, Senhor!» (14, 30). Podemos colocar-nos no lugar de Pedro: somos pessoas de pouca fé e estamos aqui a mendigar a salvação. Somos pobres de vida verdadeira, e serve-nos a mão estendida do Senhor que nos tire fora do mal. Isto é o início da fé: esvaziar-se da orgulhosa convicção de nos julgarmos em ordem, capazes, autónomos, para nos reconhecermos necessitados de salvação. A fé cresce neste clima, um clima ao qual nos adaptamos convivendo com quantos não se colocam no pedestal, mas precisam e pedem ajuda. Por isso é importante, para todos nós, *viver a fé em contato com os necessitados*. Não é uma opção sociológica, não é a moda dum pontificado, mas exigência teológica. É reconhecer-se mendigos de salvação, irmãos e irmãs de todos, mas especialmente dos pobres, prediletos do Senhor. Assim bebemos do espírito do Evangelho: «o espírito de pobreza e de caridade – diz o Concílio – são a glória e o testemunho da Igreja de Cristo» (Const. past. *Gaudium et spes*, 88).

Jesus ouviu o grito de Pedro. Peçamos a graça de ouvir o grito de quem vive em águas borrascosas. *O grito dos pobres*: é o grito estrangulado de bebés que não podem vir à luz, de crianças que padecem a fome, de adolescentes habituados ao fragor das bombas em vez de o ser à algazarra alegre dos jogos. É o grito de idosos descartados e deixados sozinhos. É o grito de quem se encontra a enfrentar as tempestades da vida sem uma presença amiga. É o grito daqueles que têm de fugir, deixando a casa e a terra sem a certeza dum refúgio. É o grito de populações inteiras, privadas inclusive dos enormes recursos naturais de que dispõem. É o grito dos inúmeros Lázarus que choram, enquanto poucos epulões se banqueteiavam com aquilo que, por justiça, é para todos. A injustiça é a raiz perversa da pobreza. O grito dos pobres torna-se mais forte de dia para dia, mas de dia para dia é menos ouvido. De dia para dia é mais forte aquele grito, mas de dia para dia é menos ouvido, porque abafado pelo barulho de poucos ricos, que são sempre menos e sempre mais ricos.

Perante a dignidade humana espezinhada, muitas vezes fica-se de braços cruzados ou então abanam-se os braços, impotentes diante da força obscura do mal. Mas o cristão não pode ficar de braços cruzados, indiferente, nem de braços a abanar, fatalista! Não... O crente *estende a mão*, como Jesus faz com ele. Junto de Deus, o grito dos pobres encontra guarida. Pergunto: E em nós? Temos olhos para ver, ouvidos para escutar, mãos estendidas para ajudar, ou vamos repetindo «volta amanhã»? «Nos pobres, o próprio Cristo como que apela em alta voz para a caridade dos seus discípulos» (*Ibid.*, 88). Pede-nos para O reconhecermos em quem tem fome e sede, é forasteiro e está privado de dignidade, doente e encarcerado (cf. *Mt* 25, 35-36).



O Senhor estende a mão: é um gesto gratuito, não devido. É assim que se faz. Não somos chamados a fazer bem só a quem nos ama. Retribuir é normal, mas Jesus pede para ir mais longe (cf. *Mt* 5, 46): dar a quem não tem para restituir, isto é, amar *gratuitamente* (cf. *Lc* 6, 32-36). Consideremos os nossos dias: entre as muitas coisas que fazemos, alguma é de graça? Fazemos algo por quem não tem com que retribuir? Tal há de ser a nossa mão estendida, a nossa verdadeira riqueza no céu.

Estendei-nos a mão, Senhor, e agarrai-nos. Ajudai-nos a amar como Vós amais. Ensinai-nos a deixar o que passa, a encorajar quem vive ao nosso lado, a dar gratuitamente a quem está necessitado. Amém.

**“A esperança dos pobres jamais será frustrada” (Sl 9,19)**

A Bíblia hebraica divide o Salmo 9 – composto, provavelmente, de forma unitária – em dois salmos, ainda que, do ponto de vista formal, entre o primeiro e o segundo não haja um dos assim chamados “sobrescritos” (cf. Sl 9, 1), ou seja, um versículo introdutório que contém, em geral, indicações sobre o ciclo ao qual o poema pertence ou do qual provém, e outras sugestões, por exemplo, de tipo melódico para a execução na assembleia. Exatamente a partir dessa divisão é que serão seguidas, no Saltério, duas modalidades de numeração: a do *Texto Massorético* (Sl 9, 1-21 e Sl 10, 1-18) e a da versão grega dos *Setenta* (Sl 9, 1-39), esta última assumida, por sua vez, pela *Vulgata* de São Jerônimo. Aqui, nós seguiremos a numeração hebraica, mesmo identificando que, diante de tal divisão, o recíproco referimento dos símbolos, das imagens, dos termos e dos motivos presentes nos dois Salmos conduz à intuição de uma única trama compositiva. Como testemunha da unidade serve, também, a escolha estilística da forma acróstica, na qual o autor começa cada um dos grupos de versículos seguindo a sucessão das consoantes do alfabeto hebraico. Desconsiderando as dificuldades filológicas devidas às lacunas na transmissão do texto, esse sistema, presente em todos os dois salmos, não só sugere a unidade de ambos os cânticos, como também deixa entrever a organicidade dos assuntos tratados, compreendidos em uma única sequência alfabética que, segundo a intenção do autor, deveria conter tudo aquilo que podia e devia ser dito (de A a Z, de *Aleph* a *Tau*) sobre o tema focado pelo poema, apesar das obviedades inevitáveis e dos paradoxos provocatórios. Por essa razão, o artifício estilístico do acróstico não só conferia unidade ao material, mas, ao mesmo tempo, favorecia a que o texto fosse aprendido de cor, cumprindo assim, sobretudo, uma função de orientação na interpretação da composição.

De fato, o poema, considerado no seu todo, pode ser dividido em duas partes: a primeira é uma oração de louvor e agradecimento (9, 2-21); a segunda, mais precisamente, é uma súplica manifestada na clássica forma da lamentação (9, 22-39 ou Sl 10, 1-18). Esse díptico diz muito sobre os *anawim* (literalmente, “aqueles que estão curvados”, o que se deve entender num duplo sentido: talvez socialmente oprimidos, mas também submissos, com confiança, a Deus), sobre o estilo de Deus na relação com eles, sobre o comportamento confiante do fiel e, portanto, sobre a sorte do miserável e, finalmente, sobre a sua esperança (cf. Sl 9, 19).

Paradoxalmente, considerando a disposição do material, é justamente a segunda parte aquela que consente identificar o tema de base, com os seus desenvolvimentos e implicações no plano da existência, referências que se evocam mutuamente dentro de uma trama, às vezes indecifrável, e que vão sendo desenvolvidas no decorrer das duas partes do salmo, até chegar a invocar o próprio Deus com uma interrogação (cf. Sl 10, 1ss) muito frequentemente presente nos lábios humanos e nas próprias páginas bíblicas: como é possível falar de justiça divina, se o ser humano não conhece o curso da mesma e não compreende o sentido que ela tem? Será, portanto, a segunda parte da composição poética que fará emergir a questão da “teodiceia”, referindo-se a diversas situações de dificuldade que parecem exprimir-se no mundo impunemente.

Um dos expedientes literários consiste na descrição do contexto humano, “demasiado humano”, do poderoso que – colocando a sua confiança somente em si mesmo, nas suas próprias forças e nas riquezas que acumulou, e com a sua autonomia inescrupulosa e a sua autorreferencialidade asfixiada – é mostrado em situação de descaso com Deus e com as necessidades dos pobres (cf., em particular, o *Sl* 10, 1-11). Os pobres são, justamente, indicados nos dois salmos com um vocabulário muito amplo e especializado: além dos *‘anawim* (que, como já se disse, são os submissos, aqueles que estão à mercê dos poderosos e dos ímpios), existem também, em 9, 19, os *‘ebijônîm* (“os que desejam”, os indigentes), e também o oprimido (*dak*, “o que é expulso”, cf. 9, 10; 10, 18; situação exprimida também com termos reconduzíveis à raiz *hllk*, cf. 10, 8.10.14), o inocente (*naqî*, em 10, 8) intimidado pelos próprios juízes, e o órfão (*jatôm*, em 10, 14.18) que, junto da viúva, indica o abandonado, aquele que não tem mais pontos de referência, nem mesmo na família ou entre os parentes. Contudo, todos eles têm Deus a seu lado e podem contar com a ação do Senhor como seu protetor e libertador, como *go’el* (cf. *Lev* 25, 48: um parente que vinga o sangue ou que resgata um familiar da escravidão). Já essa lista nos sugere que não se deve reunir indistintamente todos aqueles sujeitos na categoria despersonalizante de “pobreza”, mas eles devem ser considerados como pessoas, colocadas não numa condição estável ou definitiva, e sim numa “fase” em meio a um caminho de libertação, numa “situação provisória”.

No poema, é indicado, ainda, o ponto fraco do ímpio que, na sua arrogância, se apresenta satisfeito com si mesmo como se não tivesse necessidade da ajuda e da compreensão tanto dos outros como do próprio Deus. São evocados, até através de imagens bélicas, o inimigo, o adversário, o violento, o malvado, o prevaricador, o presuntuoso, o impostor. Na base de cada um desses personagens, assim caracterizados, está a ilusão de onipotência e, conseqüentemente, a pretensão de tratar os outros como bem entendem, de dispor da vida e dos bens dos outros, comprando e vendendo o pobre por um par de sandálias, como diria Amós na sua denúncia profética. Considerando tudo isso a partir da perspectiva final, seria possível igualar tal descrição àquela do “provocador” que, convicto, continua com seus atos de *bullying*, certo do próprio sucesso tanto diante de Deus, quanto diante dos outros. Com efeito, o “provocador” é um fraco que acredita ser forte e que, para demonstrar a sua suposta força, antes de mais nada, a si mesmo e, depois, aos outros, busca subjugar os que, a seus olhos, aparecem como mais fracos ou os que, naquele determinado momento histórico, se encontram em condição de subalternidade.

Assim, na segunda parte do *Sl* 9 (ou seja, no *Sl* 10), o orante denuncia as dinâmicas perversas dos ímpios, os subterfúgios, as ciladas, as maldades cometidas contra o “miserável”. Existe, porém, um elemento que dá também ao provocador a característica da impiedade: a matriz das suas ações é a forma de insolência típica de quem não crê em Deus ou de que está convencido de poder viver como se Deus não existisse (cf. *Sl* 10, 4). Nesse sentido, o malvado nada mais é do que o ateu, ou seja, do que aquele que – sem medir formas de abusos, arrogância, maldade e mentiras – segue somente os próprios interesses momentâneos, o próprio benefício ocasional, o próprio desejo míope e contingente, negando Deus e desprezando ou ignorando o pobre.

Essa arrogância, aparentemente, parece dar um retorno positivo ao soberbo (no *Sl* 10, 5 se lê: “seus caminhos prosperam o tempo todo”), razão pela qual se acredita que, de fato, Deus se esqueceu do justo. Diante disso, porém, estabelece-se uma certeza: o justo permanece firme na fé e continua a invocar o Senhor (cf. *Sl* 10, 12-18). Nesse contexto, fica evidente que

os pobres e os oprimidos – que, definitivamente, são os “justos” segundo o Altíssimo – são aqueles que “confiam no Senhor”, que “reconhecem a sua presença” e “o buscam”. Assim, escutando o grito do pobre (cf. *Sl* 9, 20-21; *Sl* 10, 12-13), o Senhor “se levanta” e reestabelece a justiça, humilhando o poderoso e exaltando o justo (cf. *Sl* 10, 14-18 e também *Lc* 1, 52).

O salmo se conclui, a esse ponto, com uma profissão de fé em Deus, o qual não se esquece do pobre, mas se oferece ao miserável – através de uma carinhosa imagem de proteção e abrigo – como seu amparo. Por outro lado, o Senhor sempre agiu dessa maneira, porque esse é o seu “estilo”. Com efeito, considerando a história da salvação, o autor compreende que pode confiar em Deus, pois Ele irá defender – como sempre o fez – a sua causa.

O caminho interpretativo dos dois salmos conduzido até aqui – propondo como primeira parada o salmo 10, antes mesmo do envolvimento na oração de louvor do salmo 9 – apresenta um desequilíbrio. Contudo, essa inversão na leitura se justifica porque o testemunho da ação de graças pela vitória do fiel/orante sobre os inimigos, declarada antecipadamente, é fundado sobre a certeza do salmista na fidelidade de Deus à sua aliança e às suas promessas. O autor, portanto, primeiro agradece, e depois, através da trama das questões postas pela sua existência concreta, exprime a sua submissão livre à vontade misteriosa de Deus, o qual foi, é e sempre será “digno de fé”. No meio daqueles desfiladeiros existenciais não falta a tentação a desistir. Porém, a ação de graças que precede a súplica ou, melhor dizendo, o louvor inserido no horizonte mais vasto e diversificado da existência do fiel recorda-lhe de permanecer firme, não só quando é colocando diante do mal e das suas consequências e contradições avassaladoras, mas, sobretudo, quando ele está habitando naquele terreno íngreme cheio de perversões, infidelidades, descaramento, ateísmo, onde o justo deve mostrar – sem delegas ou fugas – o seu modo diverso e alternativo de viver: a sua confiança em Deus, aberta à esperança.

Tendo chegado aqui, é justo observar que, dentro do salmo, está presente também uma dinâmica “contemplativa”, que pode ser notada quando a oração individual se torna um convite dirigido a toda a assembleia, para que esta se una ao mesmo hino de ação de graças (cf. *Sl* 9, 12-13). Na verdade, mesmo quando uma só é a pessoa que se exprime, no salmo são recolhidos – através do uso realístico e evocativo da palavra humana – os sacrifícios, as decepções, os desastres, as tragédias, os desejos, as expectativas, as satisfações, as alegrias e as esperanças que se tornam sentimento comum e constatações compartilhadas. É essa partilha confiante que predispõe à contemplação.

A *contemplação* – que, em si mesma, é “visão” ou “teoria” – pode ser traduzida com uma palavra presente em alguns textos profanos da literatura grega. O termo – belo, evocativo e expressivo – é *synéidon*: *syn* significa “com”, “junto de”, e evoca a “companhia”, a “comunhão”; *éidon* indica o olhar, *éidon* é a visão. Num sentido muito genérico, poderia ser entendido como “dar uma olhada”, mas, na verdade, se refere à ideia de “abraçar com o olhar”, isto é, “compreender (*syn*) todos no mesmo olhar”: é como se houvesse o desejo de fazer dos outros participantes daquilo que eu vejo, enquanto eu mesmo sou parte daquilo que os outros têm a alegria de ver através de mim, que os envolvo na minha própria visão (cf. *1 Jo* 1, 1-4). Forçando levemente, pode-se dizer que a contemplação, aquela que queremos indicar com o termo *synéidon*, significa tornar os outros participantes, compreendidos em uma única visão, daquilo que nos atrai e daquilo que dá sentido à nossa vida: as coisas contempladas, abraçadas

com o olhar, devem, por sua vez, ser transmitidas aos outros, comunicadas aos outros, para que eles se tornem participantes – na força do único abraço – da mesma alegria e do sentido pleno e autêntico da vida que foi descoberto. A contemplação é um olhar que se amplia e uma visão que envolve, tanto a coisa vista como os outros.

Nesse processo contemplativo, destaca-se a esperança. O que o salmista quer dizer quando afirma que “a esperança dos pobres jamais se frustrará” (*Sl* 9, 19)? Ele está indicando que o orante, confiando na fidelidade do Senhor, sente-se envolvido no abraço do olhar de Deus e quer, por sua vez, envolver também os outros na mesma visão, através da oração e da vida. A esperança assim entendida (como também a contemplação) é uma *dynamis* (um princípio dinâmico) que almeja a transformação da história pessoal e comunitária através de ações incisivas e eficazes. A provocação do salmista se encarna, dessa maneira, nas chagas mais escondidas da nossa vida real e – sem ficar pairando nas alturas eufóricas e aleatórias das meras boas intenções – rompe as cadeias dos costumes inalteráveis e imutáveis, inclusive daqueles religiosos.

Nesse sentido, a ação de graças do salmista quer ser a partilha da esperança, da certeza – fundada no memorial da história da salvação – que o Senhor escuta o grito do pobre e defende a causa do justo: todas as intervenções salvíficas que o povo de Israel experimentou se tornam motivos para continuar a crer e a esperar. Ao redor dessa esperança, são tecidas, também nos salmos 9 e 10, as tramas que unem o mistério de Deus e o desejo do ser humano. De fato, Deus cuida do pobre, se interessa pelo seu futuro, se faz responsável pelo que dele virá a ser. Todavia, o itinerário completo dos dois salmos quer levar-nos a tomar consciência de algo: o verbo “esperar” não é conjugado no passado, mas no futuro cheio de todo o patrimônio das obras realizadas por Deus, o qual é digno de fé. Esperar, portanto, significa saber que Deus cuida do ser humano – sobretudo dos últimos e dos miseráveis – sustentando-o e elevando-o.

Entretanto, tal cuidado do outro é confiado também a nós (cf. *Mt* 25, 31-46). Ocorre, então, que, além de nos fazer experimentar concretamente os limites humanos, o encontro com o pobre permite que nos relacionemos com os outros através do mesmo “estilo” divino; deixa-nos amar o Senhor “não só em palavras, mas com as obras e a verdade” (cf. *I Jo*, 3, 18) quando cuidamos das feridas da carne humana; abre-nos à lógica do dom e, sobretudo, dá-nos uma oportunidade para renovar a esperança na nossa salvação. Sim, como disse o Papa Francisco, “os pobres salvam-nos, porque nos permitem encontrar o rosto de Jesus Cristo” (*Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres*, 13 de junho de 2019, n. 9).

## Comentário

### *A esperança dos pobres jamais se frustrará (Sl 9,19)*

Se a condição de pobreza e de indignidade, de qualquer que seja o tipo (material, social, econômica, cultural, espiritual...), gera sempre uma forma de esvaziamento físico e espiritual e de perda existencial naquele ou naquela que a vive, tal condição, ao mesmo tempo, gera em quem crê num Deus pessoal e providente uma pergunta excruciante e uma revolta interior: como é que esse Deus, que conheci como libertador da condição do mal (cf. *Êx* 3, 7-10), como um pai que se interessa pelo meu bem (cf. *Is* 63, 16; 64, 7), como um companheiro capaz de acompanhar-me nos momentos de sofrimento (cf. *Lc* 24, 15), como é que um Deus assim pode permitir que o pobre sofra? E, ainda por cima, como pode permitir que homens e mulheres, que deveriam estar ligados a mim por vínculos de comunhão e de pertença social e religiosa, tornem-se como inimigos prontos a tirar proveito da sua própria condição social para obter vantagens pessoais, esquecendo-se do dever da fraternidade e da amizade?

Quisemos, assim, sintetizar brevemente o tema do salmo 9, do qual foi tirado o versículo objeto da nossa reflexão. Mas, para compreender bem o nosso salmo, devemos lê-lo em unidade com o salmo 10, o qual foi dividido do salmo precedente na tradição do texto hebraico, mas deve ser considerado, certamente, como a segunda parte de uma única oração: basta pensar, como indício disso, no fato de que se trata de um salmo alfabético, no qual cada estrofe inicia com uma letra diversa do alfabeto; esse expediente literário propício à memorização começa no salmo 9 e se conclui no salmo 10.

O salmo 9-10 se apresenta, portanto, subdividido em 3 partes:

- 9, 2-13: uma solene ação de graças a Deus, a qual dispõe ao louvor e celebra o Senhor, rei e juiz, que, por sua vez, emite um juízo sobre os opressores e salva os pobres;

- 9, 14-21: uma súplica premente a Deus, na qual o salmista já celebra o juízo sobre os opressores e a libertação dos pobres;

- 10, 1-18: um forte lamento, no qual se descreve a situação de opressão dos pobres e se invoca a realização do bem por eles esperado.

Se, ao comentar o versículo 19, veremos quem são os pobres para o salmista, é importante compreender também quem são, para ele, os “opressores”. Para designá-los, são usados, diversas vezes, o termo “gentis”, “pagãos” (presentes 6 vezes no texto original, em 9, 6.16.18.20.21 e em 10, 16): mas não se deve pensar, aqui, nos povos inimigos de Israel (indicados com outros termos em 9, 9.12), e sim naqueles que “se esquecem de Deus” (9, 18) e que, por isso, devem ser igualados aos pagãos, àqueles que não conhecem Deus e que não experimentaram a Sua salvação e a Sua aliança. Esses “se esquecem”, como se perdessem a sua própria humanidade (9, 20), maldizem Deus (10, 3); estão convencidos de que Deus não se interessa pelo pobre (portanto, é como se Ele não existisse... 10, 4.11.13) e, por isso, tornam-se desleais, tirando proveito do pobre através do engano, da fraude, da injustiça, da violência (10, 7-10). Não é a pertença exterior ao povo dos fiéis que qualifica uma pessoa: quem oprime o pobre, mesmo pertencendo a esse povo, é alguém que perdeu a sua

humanidade e que se tornou inimigo de Deus; quaisquer que sejam as suas convicções, ele é um sem-Deus. “Ateu”, para o salmista, é aquele que, perdendo a sua humanidade ao oprimir o pobre, rejeita o Deus que é “pai dos órfãos e defensor das viúvas” (Sl 68, 6: órfãos e viúvas eram as categorias por excelência dos pobres sociais e materiais no antigo Israel). Não se reconhecendo como irmão do pobre, o opressor não pode sequer estar em relação com Deus: quem não reconhece Deus no pobre não pode conhecer Deus.

Chegamos, finalmente, ao nosso versículo. O nosso lema se apresenta como a segunda metade (hemistíquio) de um verso hebraico, construída, seguindo as regras comuns da tradição hebraica e bíblica, de acordo com a modalidade do “paralelismo” entre as duas partes do verso: as duas partes se correspondem, se iluminam e se completam reciprocamente. Eis, a seguir, o verso completo:

*Do pobre, porém, não haverá esquecimento até o fim;*

*a esperança dos pobres não será frustrada para sempre.*

Permitimo-nos oferecer uma tradução mais literal do texto, que nos permitirá entrar na profundidade do pensamento do salmista:

*Assim é, jamais será esquecido o necessitado;*

*o aguardo dos miseráveis pelo bem não se frustrará por toda a duração do tempo futuro.*

O versículo é introduzido por uma partícula que, apesar de poder ter também um valor causal (“porque”), nós preferimos traduzi-la por “assim é”, como se o autor do salmo dissesse: “isto que lhes estou dizendo é o fundamento da esperança, não é uma opinião minha, mas a certeza da fé que origina o meu pensamento e a minha confiança em Deus”.

O “necessitado”, que deve ser compreendido, aqui, segundo o significado original do termo, ou seja, como aquele que vive em uma condição social e material totalmente desfavorecida, está constantemente sob o olhar de Deus (“jamais será esquecido”: segundo um expediente comum na Escritura, é justamente Deus o agente implícito da frase passiva). Se os opressores “se esquecem” da própria humanidade, sufocando o pobre, Deus “não se esquece dele”. E não se esquece “jamais”. Se voltarmos à etimologia do termo traduzido por “jamais” (que deriva da raiz do verbo “brilhar”), poderíamos parafrasear a expressão assim: “por todo o tempo em que brilharem as estrelas no céu, Deus não se esquecerá daqueles que sofrem na pobreza”. Essas estrelas que “brilham” e “esplendem” no céu, e que foram o sinal da promessa de Deus a Abraão (cf. Gn 15, 5), serão agora o sinal de que Deus não se esquece do pobre... E assim como Abraão creu “contra toda esperança” (cf. Gn 15, 6; Rm 4, 18-21; Hb 11, 8-18) e viu a sua expectativa se realizar, assim também o pobre pode estar certo da benevolência e da bênção de Deus sobre a sua vida.

O “miserável”, entendido também conforme o significado original do termo como aquele que está reduzido a uma condição de aflição, miséria, necessidade ou pobreza de qualquer tipo que seja, carrega dentro de si um desejo de resgate e de vida que não pode ser perdido como se fosse um animal desgarrado no deserto (esse é o sentido etimológico do verbo que traduzimos por “frustrar-se”). Assim como o Senhor Jesus vai atrás e resgata a ovelha perdida para que ela não fique vagando sem meta e à mercê dos perigos (cf. Lc 15, 4-

7 e *Mt* 18, 12-14), ele também não deixará que termine no vazio, vagando no desespero e na frustração, a esperança do pobre que aguarda o cumprimento das promessas de bem feitas por Deus. E isso se dará “por toda a duração do tempo futuro”: não se trata de uma promessa destinada aos tempos últimos ou a situações e contingências especiais da história, ou ainda a classes sociais particulares, a povos ou personagens particularmente fortunados, e sim uma promessa destinada a todo tempo, portanto, a todo pobre, qualquer que seja a sua condição, pois a realização da promessa de Deus não conhece limite de tempo e, logo, nem de lugar ou de condição.

Para concluir, podemos dizer que o salmo não nos dá um manual de resgate social do pobre, pronto para ser usado e colocado em prática, como se fosse um protocolo a ser seguido nos seus vários passos. Todavia, a Palavra de Deus fundamenta a nossa fé e, assim, alimenta a nossa esperança, porque nos diz que quem oprime o pobre perde a sua própria humanidade e perde também a relação vital com Deus; ela nos relata como Deus age sempre em favor do pobre e, por conseguinte, nos ajuda a compreender como também o fiel deve agir. Se Deus jamais abandona o pobre, então o fiel é chamado a seguir o Seu exemplo e a conformar-se a seu Deus (cf. por exemplo *Lv* 11, 45; *Mt* 5, 48; *Fl* 2, 5).



## 1.

**“A esperança dos pobres jamais se frustrará” (Sl 9,19)****“A esperança dos pobres jamais se frustrará”**

Essas palavras do salmista soam como uma resposta completa e pertinente à prepotência dos governantes ou opressores diante dos humildes, dos pobres, do sofrimento dos inocentes. Mas é também um grito que, ainda hoje, ressoa na Igreja, em cada comunidade cristã que experimentou que “o Verbo se fez carne” (Jo 1, 14) por nós. E como escutar esse grito, dar-lhe uma resposta, senti-lo como parte de nós? Quem de nós não vivenciou, dentro e fora de si, a sensação de sentir-se agredido por sons, por palavras que aturdem o nosso dia e até a nossa noite, fazendo-nos pensar que o novo dia possa ser pior do que aquele que passou? Como suportar a desilusão da vida, quando nesta não se vê uma porta de esperança? Quantas vezes, talvez inconscientemente, mesmo numa brincadeira, nós já ouvimos dizer ou dissemos que “a esperança é a última que morre”, ou que “enquanto houver vida, haverá esperança”. Mas o que isso significa para nós hoje?

*“Este pobre clama e o Senhor o escuta” (Sl 34, 7): esse versículo, que nos acompanhou no ano passado e que ainda ressoa em nossos ouvidos, nem sempre sintonizados com a condição dos pobres, projeta-nos novamente na direção do mesmo mundo, cheio de ulteriores sofrimentos, mas com uma visão e uma certeza novas: “A esperança dos pobres jamais se frustrará”. Deus não se esquece do grito dos pobres. Para eles, toda desilusão humana será vencida pela esperança, pois “o Senhor será refúgio para o oprimido, refúgio nas necessidades, na tribulação (...), não se esqueceu do clamor dos pobres” (Sl 9, 10.13). O Senhor não tolera o mal e, por isso, vem em auxílio do pobre: “Escutai, meus amados irmãos: não escolheu Deus os pobres aos olhos do mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino prometido aos que o amam? (...) Meus irmãos, que adianta alguém dizer que tem fé, mas não tem as obras? A fé seria capaz de salvá-lo?” (Tg 2, 5.14).*

Deus sempre acompanhou e continua a acompanhar o seu povo: Ele sempre acompanhou, jamais abandonou Israel, apesar das repetidas infidelidades; Ele enviou o Seu Filho predileto, o qual tanto nos amou, ao ponto de dar a vida por cada um de nós; como Pai amoroso, Ele não cessa de acompanhar “com coração materno” a comunidade humana hodierna, dando especial atenção aos fracos, aos pobres, a quem quer que viva numa situação desfavorecida. A advertência do apóstolo Tiago, portanto, é hoje dirigida a nós, comunidades cristãs, chamadas mais do que ontem a tornar visível a nossa fé através do nosso agir, mas, sobretudo, através do nosso ser, na mesma modalidade segundo a qual Cristo viveu toda a sua vida terrena: ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social. Somos uma única fraternidade: é o outro que me faz existir. Eu existo com base nos estímulos que me dá o ambiente, o outro, o “tu” que me permite de dizer “eu”. O mundo, que

parece, muitas vezes, caminhar sem precisar de Deus, necessita de uma forte injeção de humanidade para tornar visível a caridade, a qual é feita de esperança. Muitas são as comunidades compostas de homens e mulheres que, de distintos modos e, tantas vezes, arriscando as próprias vidas, nas várias e diversificadas partes do mundo, continuam oferecendo a sua ação social, educativa e pastoral, fazendo-se “*autênticas testemunhas da esperança que não ilude*” (S. João Paulo II, Visita ao *Antonianum*, 16.01.1982) e, como o mesmo Papa repetiu, posteriormente, em Greccio, transmitindo “*a esta nossa época a Boa Nova que é anúncio de esperança, de reconciliação, de paz; ressuscitai Cristo no coração dos homens angustiados e oprimidos*” (Discurso no encontro com a família franciscana, 2.01.1983).

### **Quem são os pobres de hoje?**

O salmo lança-nos no nosso tempo, faz-se oração do fiel de nossos dias, tantas vezes desconsolado ou desiludido nas suas expectativas e na sua dignidade, tocando o mais profundo do seu ser e fazendo-o experimentar concretamente a própria pobreza. Mas quem são os pobres de hoje?

A lista é longa. Em primeiro lugar, verifica-se ainda a explosão dos migrantes, que, de um fenômeno de emergência, está se tornando um fenômeno estrutural global que diz respeito ao mundo inteiro. A essa realidade complexa, podemos associar todas as várias formas de pobreza e de sofrimento que surgem como consequência: famílias inteiras são obrigadas a deixar uma terra de miséria e de exploração; mulheres são violentadas; menores são separados de suas mães e, tantas vezes, antes mesmo de chegar a um porto seguro, ficam órfãos de seus pais, que naufragam nos mares; homens se separam de sua pátria com tantas expectativas, as quais se frustram, com muita frequência, em virtude da falta de trabalho, de um mínimo de “casa” própria, e também por que são vistos, em tantos casos, como gente que cria insegurança e instabilidade social, e não como “possíveis recursos humanos”.

Tudo isso constitui as novas formas de pobreza que, sem um sentido, provocam marginalização, mal-estar; são sinais trágicos de um itinerário sem uma meta. Todas elas são pessoas marcadas por tantas tristezas e angústias, por poucas esperanças e, talvez, por um mínimo de alegria. Além disso, torna-se sempre mais difícil, em nossos dias, elaborar dados precisos sobre a realidade dessas pessoas, tratando-se, justamente, de um fenômeno ligado não exclusivamente à condição econômica, e sim a motivos humanos de caráter familiar e a inúmeras dificuldades sociais. E não se pode ignorar, ainda, o grande número de desempregados ou de colaboradores afastados que contam apenas com um benefício do sistema de segurança ou proteção social, além da quantidade de jovens que buscam pelo primeiro emprego e que, em alguns casos, são presas fáceis para o consumo de drogas, uma peste bubônica que deixa profundas marcas e pode até levar à perda da própria identidade. Cada vez mais significativa e construtiva se torna, também, a presença dos avós no suporte dado aos filhos, ocupados com o trabalho, no auxílio aos netos. Contudo, assiste-se, paradoxalmente, ao crescimento do sentimento de abandono vivido por tantos idosos e atribuído à insignificância de uma vida sem relações.

Esses são alguns dos tantos rostos da pobreza, nem sempre fáceis de se identificar, mas que só o amor evangélico, o contato com o outro é capaz de discernir. “*Como cantar o cântico do Senhor em terra estranha?*” (Sl 137, 4): a oração se converte em saudade da terra natal e, como metáfora, em saudade do momento em que se estava melhor; no coração, porém,

mostra-se sutilmente o sentimento de ódio e de vingança quando a vida é vista como um falimento. Contudo, se o mundo, tantas vezes distraído por um turbilhão de luzes e de falsas miragens, se esquece daqueles que “no xadrez político contam bem pouco”, Deus “*depôs os poderosos de seus tronos e exaltou os de condição humilde*” (Lc 1, 52): Deus jamais frustrará a esperança dos pobres.

### **Como tornar-se homens e mulheres de esperança e cuidar dos pobres?**

Não é fácil ser testemunhas de esperança numa sociedade fortemente materialista, jamais satisfeita com o que tem e sempre desesperadamente em busca de ulteriores novidades, as quais são já consideradas velhas imediatamente após serem adquiridas ou consumidas. Como, então, ser homens e mulheres de esperança e se tornar *irmão* e *irmã* de quem está mais necessitado?

Essas duas perguntas abalam a nossa própria vida cristã no seu fundamento: elas implicam, de fato, num novo modo de viver, de sentir, de crer, de amar e, especialmente, de agir. Mais se adentra na Palavra, mais ela se torna critério de julgamento para aquele que deseja ser fiel ao Evangelho. “*Quem se compadece do pobre empresta ao Senhor, e Ele o recompensará pelo que fez*” (Pr 19, 17). Aproximar-se dos pobres significa reconhecer a presença de Deus, de Jesus que jamais os rejeita, mas os chama para perto de si e os consola. Para superar a oprimente situação de dependência, de miséria e de pobreza, eles precisam da presença dos irmãos e irmãs que lhes fazem sentir amigos e familiares, para além das possíveis diferenças religiosas, culturais e sociais. Somente assim, eles poderão sentir viva a esperança em um futuro “diverso” e descobrir a força salvífica da sua própria existência. Só dessa maneira, nós poderemos nos tornar portadores de esperança num mundo que, mesmo tendo fome dessa esperança, se encontra impossibilitado de obtê-la através do próprio trabalho e de adquiri-la com o próprio dinheiro. Seremos homens e mulheres, comunidades capazes de estar junto de quem está cansado e descrente, não tanto através de meras palavras ou condenando um mundo que não caminha conforme os nossos desejos, mas mantendo um ânimo contente, confiante e, por isso, cheio de esperança, estando prontos para socorrer o pobre como fez o bom samaritano, reconhecendo em cada um o próprio Cristo.

### **Como não frustrar a esperança dos pobres?**

São sempre válidos todos aqueles pequenos gestos de boa vizinhança e de proximidade. Ao mesmo tempo, busquemos dar mais consistência e ter plena consciência da nossa relação com o outro: que ele sinta nos nossos gestos um coração atento à escuta, livre de julgamentos, com o calor do amor que consegue quebrar o muro da solidão; que ele experimente uma partilha capaz de fundir em uma só a limpidez da intenção e a gratuidade do gesto, sem que se sinta obrigado a retribuir.

Algumas palavras poderiam nos acompanhar neste dia: “**Aprofundemo-nos**”. Paremos, sentemo-nos disponíveis. “**Escutemos**”, conheçamos as histórias das pessoas “pobres que nos circundam”, partindo da perspectiva deles. “**Observemos**” aquilo que eles desejam fazer, as suas aspirações mais profundas e os seus desejos. Coloquemo-nos junto dos chamados “outros”, que tanto medo nos dão, e descubramos que, no fundo, eles são como nós, eles têm os nossos mesmos desejos de encontrar alguém que os queira bem, de ter comida, de construir uma família, de viver uma vida ordinária e “extraordinária”. Cada um, no seu pouco, pode fazer algo para que tantos pequenos “meninos Jesus” possam vir até nós e para que

continuemos a viver de tal modo. Eis, então, a última palavra para este dia: “**integremo-nos**”. Assim, a palavra do Senhor não permanecerá somente um belo livro histórico, mas vai se tornar sempre mais a Palavra, uma Palavra que vai se encarnar na nossa existência quotidiana.

Uma proposta, também, concreta: num mundo de diversas crenças, em família, no trabalho, na escola, nos meios de transporte, pelas estradas, em qualquer lugar, é cada vez mais urgente a necessidade de um diálogo inter-religioso vivido no quotidiano. Neste *Dia*, encontremos um espaço de encontro, sem tentar converter o outro, mas unicamente orientados a compreender o outro, à busca sincera por uma autêntica convivência humana. Dessa maneira, “construímos a casa sobre a rocha”, apoiando a nossa esperança no perdão e na reconciliação com o Pai dados por Cristo com a sua morte e ressurreição. O exercício do respeito e do perdão será o nosso *caminho mestre* para conservar a esperança em nós mesmos e difundi-la nos lugares onde vivemos e atuamos. Operar na esperança: realidade tão essencial quanto o carinho de uma mãe dado à criança que gerou. Se o amor se mostra verdadeiro nesse carinho materno, a esperança, no ato do perdão, se torna verdadeira e se comunica.

2.

### **“A esperança dos pobres jamais se frustrará” (Sl 9,19)**

O grito do pobre é um autêntico ato de fé que revela o sentido profundo da busca do ser humano por um relacionamento com Deus, visando encontrar Nele justiça e refúgio. Nos salmos, é possível notar o desejo dessa relação, na qual o orante de todo tempo está envolvido. No orante, está cristalizada a imagem do humilde em atitude de total abertura de coração ao Altíssimo: aos ouvidos de Deus chega o seu grito, denunciando a injustiça da qual se sente vítima.

Os pobres da Bíblia são os “*anawin*”, categoria social que inclui indigentes, mendicantes, indefesos, miseráveis, todos os que não dispõem de qualquer meio para sobreviver. O *anaw* é expressão de uma existência colocada no limiar, abandonada na tensão dialética entre a vida e a morte. Bem mais sugestiva é a designação do necessitado como aquele que abre a porta do seu coração sofredor e dá espaço à presença da Misericórdia de Deus.

O salmo 9 é um hino de ação de graças dirigido ao Senhor que julga com justiça e retidão. Os oprimidos de todo tempo são, justamente, aqueles que compreendem a dimensão salvífica do agir do Senhor na história. Os *anawim* do salmo não se caracterizam como simples mendicantes, que giram pelas ruas a pedir esmolas e alimento para viver; eles são pessoas que, enquanto criaturas, se reconhecem necessitadas e buscam em Deus as condições para saciar a indigência da sua natureza. O ser humano, em qualquer época, iluminado pela luz da fé, é capaz de encontrar, no louvor do salmo, os rastros que o reconduzem à própria história e o caminho que leva à meta, ao encontro com a Misericórdia divina, fonte de uma esperança inextinguível.

Esse salmo tem, ainda, as características que permitem catalogá-lo como um dos típicos exemplos de salmos alfabéticos, manifestando a particularidade estilística mediante a qual a primeira palavra de cada grupo de dois versículos começa com uma letra do alfabeto hebraico, seguindo a ordem progressiva. É interessante notar nesse artifício retórico uma mensagem ulterior. A linguagem humana, que se conjuga com as letras do alfabeto, e a oração

do salmista se combinam para formular uma única língua, aquela da humanidade que fala com seu Deus através da oração e aquela de Deus que fala à humanidade na Escritura. Experimentar o misterioso projeto do Altíssimo, reconhecê-lo presente na história de cada ser humano significa ativar a dinâmica do recordar, ou seja, do voltar a sentir no coração os sinais da Sua onipotência. Um coração sobrecarregado pelas riquezas perde a capacidade de se lembrar, custa a se alegrar, para de louvar, não sente compaixão por quem sofre e por quem grita denunciando uma injustiça grande demais para ser suportada.

As páginas do Apocalipse refletem o drama no qual está preso aquele que está dominado pelo cárcere da riqueza. *“Tu dizes: ‘Sou rico e abastado e não careço de nada’, e não sabes que és infeliz, miserável, pobre e nu! Dou-te um conselho: compra de mim ouro purificado no fogo, para ficares rico, e vestes brancas para vestires, e não aparecer tua nudez vergonhosa; e compra também um colírio para ungir os teus olhos, para que enxergues”* (Ap 3, 17-18). O coração dos miseráveis, livre, é capaz de compreender, mesmo com dificuldade, o convite que provém de Deus: *“Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo”* (Ap 3, 20).

O salmo 9 exprime a ideia da Providência divina, traduzindo-a em canto de louvor e de ação de graças. A experiência vivida pelo orante é a de ter sido contemplado pelos benefícios derivantes da fidelidade de Deus. Dessa certeza providente surge o louvor, isto é, a narração de todas as obras prodigiosas que Ele cumpriu. A motivação do louvor brota do coração do salmista, que vê retrocederem os seus inimigos: soberbos, ricos e opressores. A fuga é sinal da queda deles. Os poderosos, em vão, acreditam que podem prevalecer com a soberba e as suas tentativas de opressão. Mas Deus faz justiça ao pobre, assumindo o cuidado da sua sorte. Ao fazer justiça, o Senhor levanta a sua voz e basta a sua reprimenda para aplacar a arrogância dos inimigos. Até a memória destes é aniquilada e as cidades, que outrora dominavam, são caladas na sombra do silêncio. *“As nações se afundaram no fosso que cavaram; no próprio laço, que esconderam, ficou preso o seu pé. Para a escuridão irão os pecadores, todas as nações que se esquecem de Deus”* (Sl 9, 16.18). Do alto dos céus prossegue o controle vigilante de Deus sobre o mundo, o seu governo persiste nos séculos eternos, administrando os povos com justiça e equidade. O Senhor se demonstra realmente como o único refúgio do oprimido.

Diante da injustiça humana, dos abusos e desmandos, o pobre, que nada pode fazer por si mesmo, sabe que pode contar com a proteção divina. Trata-se da experiência do refúgio pela qual passaram tantos personagens bíblicos. Basta recordar a história de Jó, que grita a sua pobreza inexplicável, com muita dor e sofrimento: *“Quem me dera eu soubesse onde encontrá-lo e pudesse aproximar-me do seu trono! ... para saber com que palavras me responderia, e entender o que ele teria a me dizer. Acaso discutiria comigo com prepotência? ... Por isso me perturbo por comparecer perante sua face e, olhando para ele, sou agitado pelo temor. O próprio Deus enfraqueceu meu coração, o poderoso me aterrorizou”*. (Jó 23, 3.5-6.15-16). Jó, o pobre que permanece fiel, ousa até invocar a morte: *“Deixa, pois, que se alivie um pouco a minha dor! Mas isto, antes que eu vá, sem volta, para a região das trevas e da sombra da morte, a terra da escuridão e das trevas, onde só há sombra de morte e caos e habita o terror sempiterno”* (Jó 10, 20-22). De fato, não é possível compreender plenamente o desígnio de Deus, não se pode nunca dar uma explicação certa e exaustiva do sofrimento dos miseráveis. Entretanto, quando a consciência de não ter sido abandonado surge no coração humano, quando se experimenta a presença salvífica do Senhor, então se realiza o encontro

com Ele, face a face. *“Pois eu falei, sem nada entender, de maravilhas que ultrapassam meu conhecimento. ... Eu te conhecia só por ouvir dizer, mas, agora, vejo-te com meus próprios olhos”* (Jó 42, 3.5).

O clamor de Jó, o clamor de cada pobre, não é apenas o modo de protestar contra a indiferença de Deus, mas a tentativa derradeira de quem se abandona à Sua proteção. No coração de cada fiel, apesar de todas as opressões e maldades do mundo à sua volta, mora o desejo de crer no Deus bom e misericordioso que continua a nos amar mesmo quando o Seu silêncio é incompreensível para nós. Ainda que, às vezes, Ele pareça não ver e não se interessar pelo pobre, deixando-o à mercê dos ímpios, tal esquecimento é apenas momentâneo e aparente. *“Do pobre, porém, não haverá esquecimento até o fim; a esperança dos pobres não será frustrada para sempre”* (Sl 9, 19). Se assim é, se o Senhor se mostrou ativo na defesa dos oprimidos, surge espontaneamente a oração pela justiça que abraça o miserável de todo tempo e lugar. *“Levanta-se, Senhor, não prevaleça o homem; as nações sejam julgadas na tua presença. Incute, Senhor, o terror sobre elas, para que saibam as nações que não passam de mortais”* (Sl 9, 20-21).

## VIGÍLIA DE ORAÇÃO

### *A esperança dos pobres jamais se frustrará*

#### *Introdução*

O texto para a Vigília que desejamos propor às comunidades retoma o tema da mensagem do papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres: “*A esperança dos pobres jamais se frustrará*”.

Trata-se de uma estrutura simples, centrada na escuta da Palavra de Deus, que, através de comentários e testemunhos, deseja suscitar no coração de todos a *com-paixão* de Deus que, no fiel, se torna esperança certa de que o seu grito será ouvido.

Durante o canto inicial, seja entronizado o livro das Sagradas Escrituras, sinal que acompanhará o momento de oração. Como acontece na celebração da Eucaristia, antes de nos aproximarmos do Mistério, é necessário predispor o coração, pedindo para sermos tocados pela fonte da Misericórdia que gera o perdão. Assim, seja proposto um momento penitencial e, em seguida, a invocação do Espírito Santo como prelúdio à escuta da Palavra de Deus.

A escolha das leituras pode ser ampliada ou modificada, segundo as orientações de quem organiza a Vigília, mantendo o tema principal da esperança que jamais se frustrará.

Os trechos da mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres, as preces e os testemunhos visam ajudar a penetrar nos temas bíblicos propostos. Sugere-se, ainda, a possibilidade de preparar uma breve meditação, ou de escolher um testemunho que seja proposto àqueles que participarão do momento de oração.

Os cantos, as invocações e os testemunhos podem ser modificados conforme as exigências ou diversas circunstâncias nas quais este momento de oração será realizado.

#### **Canto inicial**

*Entronização do livro das Sagradas Escrituras. No centro do presbitério, prepare-se um local adequado, um suporte coberto e enfeitado para acolher o livro. Um presbítero ou um diácono, durante o canto inicial, conduz o livro das Escrituras da entrada da Igreja até o lugar a este destinado, acompanhado por quatro velas. Chegando ao presbitério, mostra o livro aos fiéis, coloca-o no lugar preparado e o incensa.*

*Em seguida, dirige-se para a sede presidencial e introduz à oração:*

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

*A assembleia responde:* Amém.

*O sacerdote:* Irmãos e irmãs, o nosso Santo Padre Francisco, na Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres, lembra-nos que “a esperança dos pobres jamais se frustrará” (cf. *SI* 9, 19). Essas são palavras – continua o Papa Francisco – de incrível atualidade, uma advertência e um lembrete profundo a todos os fiéis: é necessário restituir “a esperança que foi perdida devido às injustiças, aos sofrimentos e à precariedade da vida”. Durante este momento de

oração, escutaremos algumas passagens da Palavra de Deus que querem nos ajudar a romper o torpor dos nossos hábitos e abrir o nosso coração e a nossa mente para a novidade do Evangelho de Jesus Cristo. No silêncio do coração, olhemos para a nossa vida e invoquemos a misericórdia de Deus, nosso Pai.

*Breve instante de silêncio.*

**Canto do Kyrie** (M. Frisina)

Senhor, que sois o defensor dos pobres, tende piedade de nós.  
*Kyrie, Kyrie, eleison.*

Cristo, que sois o refúgio dos fracos, tende piedade de nós.  
*Christe, Christe, eleison.*

Senhor, que sois a esperança dos pecadores, tende piedade, tende piedade de nós.  
*Kyrie, Kyrie, eleison.*

*O sacerdote:* Deus Onipotente e Eterno, tende compaixão de nós, reacendei em nossos corações uma nova luz, ajudando-nos todos a reconhecer-Vos nos pobres e nos excluídos e, pela força da Vossa misericórdia, conduzi-nos à vida eterna.

*A assembleia responde:* Amém.

## INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

*Hino Veni Creator Spiritus* ou outro canto à escolha

## ESCUA DA PALAVRA DE DEUS

*Um leitor proclama o texto da Escritura*

DO LIVRO DO LEVÍTICO

19,1-2.9-19a

O Senhor falou a Moisés: “Fala a toda a comunidade dos israelitas e dize-lhes: Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo.

Quando ceifares a colheita na tua terra, não ceifarás até o limite extremo do teu campo, nem recolherás as espigas que restaram. Não colherás os últimos cachos de tua vinha, nem ajuntarás as uvas caídas. Deixarás isso para o pobre e o migrante.

Eu sou o Senhor, vosso Deus.

Não furtareis, não mentireis, nem vos enganareis uns aos outros.



Não jurareis falso por meu nome, profanando o nome de vosso Deus.

Eu sou o Senhor.

Não explorarás o teu próximo, nem praticarás extorsão contra ele; a paga de teu assalariado não ficará contigo até o dia seguinte.

Não maldirás o surdo, nem porás tropeço diante do cego, mas temerás o teu Deus.

Eu sou o Senhor.

Não farás injustiça no julgamento. Não favorecerás o pobre, nem privilegiarás o poderoso; julgarás teu próximo conforme a justiça. Não serás maldizente no meio de teu povo, nem te erguerás contra a vida de teu próximo.

Eu sou o Senhor.

Não odiarás teu irmão em teu coração; repreende teu próximo, para não incorreres em pecado por causa dele. Não procurarás vingança, nem guardarás rancor contra os filhos de teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Eu sou o Senhor.

Guardai os meus preceitos.

Palavra do Senhor.

*Il salmo pode ser rezado em dois coros*

## **Salmo 9**

Senhor, de coração vos darei graças, \*  
as vossas maravilhas cantarei!  
Em vós exultarei de alegria, \*  
cantarei ao vosso nome, Deus Altíssimo!

Voltaram para trás meus inimigos, \*  
perante a vossa face pereceram;  
defendestes meu direito e minha causa, \*  
juiz justo assentado em vosso trono.

Repreendestes as nações, e os maus perdestes, \*  
apagastes o seu nome para sempre.  
O inimigo se arruinou eternamente, †  
suas cidades foram todas destruídas, \*  
e até sua lembrança exterminastes.

Mas Deus sentou-se para sempre no seu trono, \*  
preparou o tribunal do julgamento;  
julgará o mundo inteiro com justiça, \*  
e as nações há de julgar com equidade.

O Senhor é o refúgio do oprimido, \*  
seu abrigo nos momentos de aflição.  
Quem conhece o vosso nome, em vós espera, \*  
porque nunca abandonais quem vos procura.

Cantai hinos ao Senhor Deus de Sião, \*  
celebrai seus grandes feitos entre os povos!  
Pois não esquece o clamor dos infelizes, \*  
deles se lembra e pede conta do seu sangue.

Tende pena e compaixão de mim, Senhor! †  
Vede o mal que os inimigos me fizeram! \*  
E das portas dos abismos retirai-me,  
para que eu possa anunciar vossos louvores †  
junto às portas da cidade de Sião, \*  
e exultar por vosso auxílio e salvação!

Os maus caíram no buraco que cavaram, \*  
nos próprios laços foram presos os seus pés.  
O Senhor manifestou seu julgamento: \*  
ficou preso o pecador em seu pecado.

Que tombem no abismo os pecadores \*  
e toda gente que se esquece do Senhor!  
Mas o pobre não será sempre esquecido, \*  
nem é vã a esperança dos humildes.

### À escuta do Magistério

#### *Trecho da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres*

O salmista descreve a condição do pobre e a arrogância de quem o oprime (cf. Sl 10, 1-10). Invoca o juízo de Deus, para que seja restabelecida a justiça e vencida a iniquidade (cf. Sl 10, 14-15). Parece ecoar nas suas palavras uma questão que atravessa o decurso dos séculos até aos nossos dias: como é que Deus pode tolerar esta desigualdade? Como pode permitir que o pobre seja humilhado, sem intervir em sua ajuda? Por que consente que o opressor tenha vida feliz, enquanto o seu comportamento haveria de ser condenado precisamente devido ao sofrimento do pobre?

No período da redação do Salmo, assistia-se a um grande desenvolvimento econômico, que acabou também – como acontece frequentemente – por gerar fortes desequilíbrios sociais. (...) Era o tempo em que pessoas arrogantes e sem qualquer sentido de Deus espiavam os pobres

para se apoderar até do pouco que tinham, reduzindo-os à escravidão. A realidade, hoje, não é muito diferente! A numerosos grupos de pessoas, a crise económica não lhes impediu um enriquecimento tanto mais anómalo quando confrontado com o número imenso de pobres que vemos pelas nossas estradas e a quem falta o necessário, acabando por vezes humilhados e explorados. (...)

Passam os séculos, mas permanece imutável a condição de ricos e pobres, como se a experiência da história não ensinasse nada. Assim, as palavras do salmo não dizem respeito ao passado, mas ao nosso presente submetido ao juízo de Deus.

Também hoje devemos elencar muitas formas de novas escravidões a que estão submetidos milhões de homens, mulheres, jovens e crianças.

Todos os dias encontramos *famílias* obrigadas a deixar a sua terra à procura de formas de subsistência noutra lugar; *órfãos* que perderam os pais ou foram violentamente separados deles para uma exploração brutal; *jovens* em busca duma realização profissional, cujo acesso lhes é impedido por míopes políticas económicas; *vítimas* de tantas formas de violência, desde a prostituição à droga, e humilhadas no seu íntimo. Além disso, como esquecer os milhões de *migrantes* vítimas de tantos interesses ocultos, muitas vezes instrumentalizados para uso político, a quem se nega a solidariedade e a igualdade? E tantas pessoas *sem abrigo* e *marginalizadas* que vagueiam pelas estradas das nossas cidades? (...)

Drama dentro do drama, não lhes é consentido ver o fim do túnel da miséria. Chegou-se ao ponto de teorizar e realizar uma *arquitetura hostil* para desembaraçar-se da sua presença mesmo nas estradas, os últimos espaços de acolhimento. Vagueiam duma parte para outra da cidade, esperando obter um emprego, uma casa, um afeto... Qualquer possibilidade que eventualmente lhes seja oferecida, torna-se um vislumbre de luz; e mesmo nos lugares onde deveria haver pelo menos justiça, até lá muitas vezes se abate sobre eles violentamente a prepotência. Constrangidos durante horas infinitas sob um sol abrasador para recolher a fruta da época, são recompensados com um ordenado irrisório; não têm segurança no trabalho, nem condições humanas que lhes permitam sentir-se iguais aos outros. Para eles, não existe fundo de desemprego, liquidação nem sequer a possibilidade de adoecer.

Com vivo realismo, o salmista descreve o comportamento dos ricos que roubam os pobres: “Arma ciladas para assaltar o pobre e (...) arrasta-o na sua rede” (cf. Sl 10, 9). Para eles, é como se se tratasse duma caçada, na qual os pobres são perseguidos, presos e feitos escravos. Numa condição assim, fecha-se o coração de muitos, e leva a melhor o desejo de desaparecer. Em suma, reconhecemos uma multidão de pobres, muitas vezes tratados com retórica e suportados fastidiosamente. Como que se tornam invisíveis, e a sua voz já não tem força nem consistência na sociedade. Homens e mulheres cada vez mais estranhos entre as nossas casas e marginalizados entre os nossos bairros.

O contexto descrito pelo salmo tinge-se de tristeza, devido à injustiça, ao sofrimento e à amargura que fere os pobres. Apesar disso, dá uma bela definição do pobre: é aquele que “confia no Senhor” (cf. 9, 11), pois tem a certeza de que nunca será abandonado. Na Escritura, o pobre é o homem da confiança! E o autor sagrado indica também o motivo desta confiança: ele “conhece o seu Senhor” (cf. 9, 11) e, na linguagem bíblica, este “conhecer” indica uma relação pessoal de afeto e de amor.

Encontramo-nos perante uma descrição verdadeiramente impressionante, que nunca esperaríamos. Assim faz sobressair a grandeza de Deus, quando Se encontra diante dum pobre. (...)

É precisamente esta confiança no Senhor, esta certeza de não ser abandonado, que convida o pobre à esperança. Sabe que Deus não o pode abandonar; por isso, vive sempre na presença daquele Deus que Se recorda dele. A sua ajuda estende-se para além da condição atual de sofrimento, a fim de delinear um caminho de libertação que transforma o coração, porque o sustenta no mais profundo do seu ser.

Constitui um refrão permanente da Sagrada Escritura a descrição da ação de Deus em favor dos pobres. É Aquele que “escuta”, “intervém”, “protege”, “defende”, “resgata”, “salva”... Em suma, um pobre não poderá jamais encontrar Deus indiferente ou silencioso perante a sua oração. É Aquele que faz justiça e não esquece (cf. *Sl* 40, 18; 70, 6); mais, constitui um refúgio para o pobre e não cessa de vir em sua ajuda (cf. *Sl* 10, 14). (...)

Ao aproximar-se dos pobres, a Igreja descobre que é um povo, espalhado entre muitas nações, que tem a vocação de fazer com que ninguém se sinta estrangeiro nem excluído, porque a todos envolve num caminho comum de salvação. A condição dos pobres obriga a não se afastar do Corpo do Senhor que sofre neles. Antes, pelo contrário, somos chamados a tocar a sua carne para nos comprometermos em primeira pessoa num serviço que é autêntica evangelização. A promoção, mesmo social, dos pobres não é um compromisso extrínseco ao anúncio do Evangelho; pelo contrário, manifesta o realismo da fé cristã e a sua validade histórica. O amor que dá vida à fé em Jesus não permite que os seus discípulos se fechem num individualismo asfíxiador, oculto nas pregas duma intimidade espiritual, sem qualquer influxo na vida social (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 183).

## **Canto**

## **Preces**

*Após cada invocação, cantemos juntos: Ubi Caritas et amor, Deus ibi est (Taizé)*

Senhor, ensinaí-nos a docilidade ao Espírito Santo, para que se acenda em nós o fogo do divino que nos conduz ao Reino.

Senhor, consolai os que sofrem, sustentando, na caridade, aqueles que lhes servem e liberando-nos de todos os perigos.

Senhor, a Vossa presença seja conforto para os enfermos. Ensinaí-nos a levar a nossa cruz quotidiana junto de Vós e fazei com que nos empenhemos lealmente no serviço pelos pobres e pelos que sofrem.

Senhor, nós cremos em Vós e, confiando na Vossa intervenção, nós Vos entregamos o caminho da Igreja, o crescimento moral e espiritual dos jovens, todas as vocações em cada uma de suas formas e também a obra da nova evangelização.

Senhor, nós Vos agradecemos, porque constantemente nos ofereceis a Vossa confiança. Ajudai-nos a fazer escolhas conforme o Evangelho e a administrar a nossa liberdade no serviço recíproco e no Vosso amor, para a Vossa glória.

Senhor, Vós sempre escutais as nossas preces. Ensinai-nos a bendizer-Vos em todas as circunstâncias da nossa existência e a reconhecer na Eucaristia o bálsamo que cura as nossas feridas e o alimento que nos conduz à vida eterna.

*Após um instante de silêncio orante, 4 leitores propõem à escuta os seguintes textos:*

### *Verdade...*

*Sermão 1 sobre o amor aos pobres, de Gregório de Nissa, PG 46*

#### *O cristão diante da miséria*

O tempo presente nos coloca diante de uma enorme quantidade de pessoas nuas e sem casa. Um exército de prisioneiros de guerra está às portas de cada um; nunca faltam hóspedes e exilados. Por todas as partes podem ver-se mãos estendidas implorando uma esmola. A estes, o ar livre sob o céu estrelado lhes serve de teto; os pórticos, as encruzilhadas dos caminhos e os rincões mais afastados das praças lhes oferecem abrigo. À imitação das corujas e bufos, ocultam-se nas cavernas. Cobrem-se com vestes esfarrapadas, desgastadas, maltrapilhas. Os produtos dos campos são para eles a bondade daqueles que se compadecem de sua miséria; seu alimento é o que conseguirem recolher das pessoas de quem se aproximam; sua bebida é a mesma dos seres irracionais, ou seja, as fontes; seu copo são as conchas das mãos; seu alforje é o próprio estômago, enquanto não esteja totalmente indisposto, incapaz de cobiçar as coisas que nele se lançam. Sua mesa são os joelhos juntos; seu leito, o chão; seu banho, o que Deus proporcionou a todos, construído sem intervenção do engenho humano: o rio ou o lago. Levam uma vida errante e campesina, e não porque inicialmente optaram por este estilo de vida, mas porque as calamidades e as necessidades lhes obrigaram a isso.

Tu que jejuas, proporciona a eles o necessário para o sustento. Sê benigno com os irmãos miseráveis. Aquilo que tu subtraís ao estômago, dá ao que tem fome. Que o justo temor de Deus gere igualdade. Mediante tua sobriedade, combina e modera duas tendências contrárias entre si: tua saciedade e a fome do irmão. Assim fazem também os médicos: a uns prescrevem uma dieta e a outros, uma superalimentação, porque com a diminuição e o acréscimo é regulada a saúde de cada um. Deixa-te convencer por essa saudável exortação; que a razão abra aos pobres as portas dos ricos. Que a prudência deixe ao necessitado rápido acesso ao abastado. Que não seja o meu discurso humano o que abasteça os indigentes, mas sim a palavra eterna de Deus a que lhes proporcione casa, leito e mesa. Com palavras transbordantes de carinho e humanismo, forneça de teus bens o necessário para a vida. Que a multidão dos pobres e de enfermos encontre em ti um refúgio seguro.

Que cada um cuide com toda dedicação de seus vizinhos. Não consintas que ninguém se antecipe a ti na solicitude, digna de recompensa. Cuide para que não arranquem de ti o tesouro

que te está reservado. Abraça, como ao ouro, quem está infeliz. Cuida de tal forma da precária saúde do pobre, como se dela dependesse o teu bem-estar, a saúde de tua mulher, a de teus filhos, a de teus servos, em uma palavra: a saúde de toda a tua família. Pois se é verdade que todos os pobres hão de ser atendidos e auxiliados, temos de cercar com uma especialíssima atenção os pobres enfermos. Pois aquele que é ao mesmo tempo indigente e enfermo está atribulado por uma dupla pobreza. De fato, os pobres que possuem um corpo vigoroso, indo de porta, vão até os ricos. Sentados pelas esquinas, pedem esmolas a todos que passam. Os enfermos, porém, encerrados nas fossas, como Daniel na cova, esperam a ti como a Habacuc, providente e atento aos pobres (cf. *Dn* 14, 31-39).

Associa-te ao profeta através da esmola. Corre, sem desculpas, em auxílio do pobre. Dar não é perder. Não temas: o fruto da esmola germina em abundância. Oferece uma vestimenta e encherás tua casa de feixes de espigas.

Tu dirás: também eu sou pobre. Faz assim: dá. Dá aquilo que tens. Deus, de fato, não pede nada além de nossas forças. Dá a um pão; a outro, um copo de vinho; a outro, algo para vestir; e assim contribuis a amenizar o infortúnio de cada um. Moisés não recebeu de uma só pessoa todo o necessário para a tenda da encontro, mas de todo o povo (cf. *Êx* 36, 5-7). Alguns ricos deram-lhe ouro, outros prata; os pobres, couro; e os mais pobres ainda, lã. Vês como a moeda da viúva foi superior à oferta dos ricos? Ela depositou tudo aquilo que tinha; aqueles, porém, deram apenas uma pequena parte (cf. *Mc* 12, 41-44).

### *Amor...*

#### *Dos escritos sobre Santa Teresa de Calcutá*

Já era noite em Calcutá. A Madre, como todos os dias, não tinha tirado momento algum de descanso no serviço amoroso e terno para com os seus pobres. Ela vê, então, uma pobre mulher e vai até ela. Ergue, com a ternura de sempre, aqueles poucos farrapos que cobriam um corpo devastado. Ó Senhor, que piedade! Que história de sofrimento contava aquele corpo tão definhado, cheio de chagas e feridas. Madre Teresa lava aquele corpo, mas as condições daquela mulher pareciam ser desesperantes. A Madre pensa em tentar reanimá-la com cardiônicos e pede para prepararem um caldo quente para ela. Mas, sobretudo, a Madre lhe dá amor. A pobre mulher fixa os seus olhos naqueles da Madre e, com um fiozinho de voz, lhe diz: “Por que, por que você faz isso?” E a resposta é imediata, leve: “Porque eu tenho amor por você”. São palavras que brotam de um coração apaixonado por Jesus. O rosto da senhora agonizante, quase incrédulo, colore-se de luz: “Fale de novo!”. “Eu tenho amor por você!”.

“Fale, fale de novo”. As mãos das duas mulheres se apertam. Teresa as traz para junto de si, para fazer sentir a doçura daquelas palavras, as mais belas que um ser humano pode sentir nas suas últimas horas. E a senhora morre, finalmente amada.

## ***Justiça...***

*Dos escritos do pe. Primo Primo Mazzolari*

O conhecimento parcial sobre o pobre é antecedido de um conhecimento abstrato. Sente-se vergonha de não se ter visto esse ou aquele filme, de não se ter lido tal livro, de não se ter aproximado da celebridade do momento, mas ninguém sente vergonha de não ter visto o pobre.

Quem conhece o pobre?

Quem escutou o coração do pobre?

Quem o segue na sua *via crucis* quotidiana?

Falamos de justiça e não sabemos onde situá-la.

É necessário um altar para a oferta: e esse altar é o pobre. Porém, não sabemos subir a esse altar, pois nunca antes vimos o pobre. Muita gente desvia o caminho para não encontrá-lo: tantos são os que ainda não olham para o rosto do pobre, nem suportam o seu odor. E, com frequência, são exatamente aqueles que não fazem outra coisa, o dia inteiro, que não seja falar de justiça em nome dos pobres.

Eu também tenho sede de justiça, mas percebi que justiça não é uma palavra para as praças, às vésperas das eleições, ou para os códigos, que são lidos como convém: a justiça é ombro, braço, mão, consciência, coração...

Se não vemos o pobre dessa maneira, se não o aceitamos assim, vamos construir, outra vez, a nossa pequena justiça sobre a areia. Vamos criar leis que protegem, mas com corações que devoram. Sem a caridade do coração, tudo se torna fogo devastador.

## ***Misericórdia...***

*Testemunho de um jovem que participou do I Dia Mundial dos Pobres com o Papa Francisco*

Ontem (19 de novembro de 2017) pude participar de um evento que mexeu comigo de maneira especial, isto é, do I Dia Mundial dos Pobres, convocado pelo Papa Francisco.

Assim que entrei no recinto, onde foi servido o almoço, fui “arreatado” pelo instinto a colocar-me disponível, na intenção primária de colaborar para tornar mais alegre o ânimo dos “hóspedes” menos favorecidos que participariam, pela primeira vez, daquele almoço com o Papa.

Todos tínhamos ajudado a arrumar as mesas, a organizar tudo, e contribuído a cantar, sorrir, brincar, acolher e interagir com todos os convidados, desde as conversas mais simples, apresentações, até a falar das emoções daquele momento.

Senti o coração apertar e, em alguns momentos, tinha a sensação de que ele parava de bater. Sentia-me, por um instante, menor que um “grão de mostarda”. A gente se sente abençoado por ter o que possuímos: mesmo que seja uma refeição quente e um teto, ao contrário de tantos participantes que não tinham sequer um teto sob o qual poder repousar.

Somente em momentos assim é que nos damos conta de que não é necessário pensar “no Outro” que está tão distante de nós, pensar no irmão em um país de guerra mais do que no migrante que está aqui: muitos não pedem nada e se contentam com uma palavra, com um pequeno gesto de atenção e proximidade feito por aqueles que correm em meio à vida cotidiana e que não olham para os outros e nem percebem suas necessidades.

Alguns dos “hóspedes” ficaram registrados no meu coração em virtude da sua história de vida. Sei que não vou ver de novo a maioria deles, mas também sei que cada um daqueles encontros marcou a minha estrada.

Estou consciente de que não mudei na minha índole ou na participação na vida do próximo, mas, como aconteceu no episódio evangélico da cura do cego de nascença, quando Jesus aplicou lama sobre os seus olhos e ele viu, também eu pude abrir os olhos, e também o coração, através da simplicidade e do caráter genuíno dos meus irmãos “pobres”.

*Reflexão do presidente*

*Breve momento de silêncio*

## **ORAÇÃO PELO III DIA MUNDIAL DOS POBRES**

*O sacerdote convida a assembleia à oração.*

*Deus e Pai amoroso,*

*Vós que escutais o grito dos vossos filhos e, em especial, o grito dos pobres que carecem do necessário para viver, escutai as orações que vos elevamos do mais profundo do nosso coração.*

*Sabemos que não vos esqueceis e não ignorais o choro dos vossos filhos que sofrem, pois nos conheceis, a cada um, pelo nome.*

*Neste dia, escutai não só a minha prece, mas recebei também a de todos os que, por sua vez, se esquecem de vos invocar. Escutai o seu profundo sofrimento e dai-lhes paz e consolação.*

*Nós vos pedimos, em especial, por aqueles que precisam deixar a própria pátria, pelos refugiados, pelos jovens sem esperança, pelos desabrigados, pelas vítimas da violência, por aqueles que nada têm e que sofrem a solidão, e por todas as outras formas de pobreza que somente vós conheceis.*



*Senhor Jesus, Vós que não temestes identificar-vos com cada pessoa pobre, ajudai-nos a acolher a cada um conforme somente vós o sabeis fazer, de modo que, graças aos nossos pequenos gestos, nossos irmãos e irmãs possam sentir-nos a seu lado e encontrem o auxílio esperado.*

*Fazei de nós testemunhas da esperança cristã, enquanto nos comprometemos, com alegria, com os gestos de solidariedade e proximidade que são as sementes do Vosso Reino.*

*Amém.*

## **ORAÇÃO DO PAI-NOSSO**

*O presidente:*

Irmãos e irmãs, após termos escutado as palavras do Senhor e da Igreja, conscientes da necessidade de superar toda forma de egoísmo para alcançar a alegria da acolhida recíproca, invoquemos o auxílio do Pai celestial, com as palavras que o Senhor colocou em nossos lábios:

*Todos:*

*Pai nosso que estais nos céus,  
santificado seja o vosso nome;  
venha a nós o vosso reino,  
seja feita a vossa vontade,  
assim na terra como no céu;  
o pão nosso de cada dia nos dai hoje;  
perdoai-nos as nossas ofensas,  
assim como nós perdoamos  
a quem nos tem ofendido,  
e não nos deixeis cair em tentação,  
mas livrai-nos do mal.  
Amém.*

## **Oração**

*O presidente:*

Oremos:

**Ó** Deus, socorro dos miseráveis e consolo dos pobres,  
que, segundo o exemplo do Vosso Filho Jesus Cristo,  
nos chamais a amar os irmãos e irmãs,  
a escutar o seu grito,  
a ser sinal da vossa esperança, que mais se frustrará,  
enchei-nos da vossa caridade misericordiosa,  
para que possamos responder generosamente às necessidades  
daqueles que batem às portas do nosso coração.  
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho,  
que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo,  
por todos os séculos dos séculos.

R/. Amém

### **Bênção**

*O sacerdote, estendendo as mãos sobre a assembleia, diz:*

Ó Deus, nosso Pai, a Vossa Misericórdia é infinita:  
sustentai estes Vossos filhos e filhas, para que, guiados por Vossa Palavra,  
jamais desviem da estrada do Amor  
que passa através dos corações dos irmãos e irmãs  
afligidos pela necessidade e pelo sofrimento;  
o Vosso Espírito dê-lhes força, coragem e persistência  
para ajudar a reerguer aqueles que se encontram caídos pelo caminho da vida.  
Por Cristo, nosso Senhor.

*A assembleia responde:* Amém.

E que a bênção de Deus, todo-poderoso,  
Pai e Filho ✠ e Espírito Santo,  
desça sobre vós e sempre vos acompanhe.

*A assembleia responde:* Amém.

**Saudação final:**

P. Bendigamos ao Senhor.

R. Demos graças a Deus.

É possível prosseguir, também, com a

### **EXPOSIÇÃO DA SANTÍSSIMA EUCARISTIA E ADORAÇÃO**

*Enquanto se expõe o Santíssimo Sacramento, canta-se:*

#### **ADORO TE DEVOTE**

*O coro:*

1. Adoro te devote, latens Deitas,  
quae sub his fguris vere latitas:  
tibi se cor meum totum subiicit,  
quia te contemplans totum defcít.

*A assembleia:*

2. Visus, tactus, gustus in te fallitur,  
sed auditu solo tuto creditur:  
credo quidquid dixit Dei Filius:  
nil hoc verbo Veritatis verius.

*O coro:*

3. In cruce latebat sola Deitas,  
at hic latet simul et humanitas:  
ambo tamen credens atque confitens,  
peto quod petivit latro poenitens.

*A assembleia:*

4. Plagas, sicut Thomas, non intueor:  
Deum tamen meum te confiteor;  
fac me tibi semper magis credere,  
in te spem habere, te diligere.

*O coro:*

5. O memoriale mortis Domini!  
Panis vivus vitam praestans homini!  
Praesta meae menti de te vivere,  
et te illi semper dulce sapere.

*A assembleia:*

6. Pie pellicane, Iesu Domine!  
Me immundum munda tuo Sanguine:  
cuius una stilla salvum facere  
totum mundum quit ab omni scelere.

*O coro:*

7. Iesu, quem velatum nunc aspicio,  
oro fiat illud quod tam sitio:  
ut te revelata cernens facie,  
visu sim beatus tuae gloriae.

*O coro e a assembleia:*

Amen.

*Silêncio para a adoração e para a oração pessoal.*

## ***Salmo do serviço***

*Jesus chama-nos a ser servos, como Ele é servo,  
para que a humanidade acolha a Sua mensagem,  
não tanto como quem experimenta a ascética da pureza,  
mas como quem vive, a cada dia, as tribulações do serviço.*

Jesus, Vós que lavastes os pés aos pobres pescadores,  
ajudai-nos a compreender que os pés dos pobres  
são a destinação de todo caminho espiritual sério.

Quando Vos curvastes diante dos calcanhares dos Vossos discípulos,  
Fizestes-nos compreender quais são as basílicas  
Às quais dirigir as nossas peregrinações.

Nas bem-aventuranças, dissestes-nos que os pobres são benditos,  
ou seja, que os pobres são aqueles que serão salvos.

Mas também acrescentastes:

“Bem-aventurados sereis quando ajudardes o pobre,  
quando lhe derdes de comer ou de beber,  
quando o hospedardes ou visitardes”.

Assim, serão salvos os pobres e

Aqueles que são solidários para com os pobres.

“Bem-aventurados sois vós, pobres, porque vosso é o reino dos céus”.

“Vinde ao Reino, benditos, porque eu tive fome  
e me destes de comer”.

Em outras palavras, Vós estais a dizer-nos:

“Bem-aventurados aqueles que servem os pobres,  
aqueles que assumem a causa do pobre”.

Ajudai-nos, Jesus, a ser solidários para com os pobres,  
a ser seus amigos e irmãos.

Ajudai-nos, Jesus, a saber reconhecer-Vos nos pobres e nos que sofrem,  
para que, um dia, eles nos acolham na casa do Pai!

*(D. Tonino Bello, bispo)*

## **Ladainha**

***Leitor:*** Senhor, o Amor é paciente:

***Todos:*** dai-nos a paciência capaz de enfrentar um dia após o outro.

***Leitor:*** Senhor, o Amor é benfazejo:

*Todos:* ajudai-nos a querer sempre o bem do outro antes do meu próprio.

*Leitor:* Senhor, o Amor não é invejoso:

*Todos:* ensinai-nos a encontrar alegria em nossas vidas.

*Leitor:* Senhor, o Amor não conta vantagem:

*Todos:* fazei-nos atentos a não nos vangloriarmos por aquilo que fazemos pelos outros.

*Leitor:* Senhor, o Amor não é arrogante:

*Todos:* concedei-nos a coragem de dizer: “Eu errei”.

*Leitor:* Senhor, o Amor não é presunçoso:

*Todos:* fazei-nos ver no rosto dos irmãos e irmãs o Vosso rosto.

*Leitor:* Senhor, o Amor não é interesseiro:

*Todos:* fazei soprar na nossa vida o vento da gratuidade.

*Leitor:* Senhor, o Amor não se encoleriza:

*Todos:* afastai de nossas ações e de nossos lábios os gestos e as palavras capaz de ferir.

*Leitor:* Senhor, o Amor não leva em conta o mal sofrido:

*Todos:* reconciliai-nos no perdão que se esquece das ofensas.

*Leitor:* Senhor, o Amor não se alegra com a injustiça:

*Todos:* abri o nosso coração para as necessidades de quem está perto de nós.

*Leitor:* Senhor, o Amor se regozija com a verdade:

*Todos:* guiai os nossos passos até Vós, que sois Caminho, Verdade e Vida.

*Leitor:* Senhor, o Amor tudo suporta:

*Todos:* ajudai-nos a suportar com Amor os dias que passaremos juntos.

*Leitor:* Senhor, o Amor tudo crê:

*Todos:* ajudai-nos a crer que o Amor move montanhas.

*Leitor:* Senhor, o Amor tudo espera:

*Todos:* ajudai-nos a esperar no Amor mais do que toda esperança.

**TU ÉS, SENHOR, O PÃO (J.-P. Lécot)  
ou outro canto apropriado**

*O coro:*

1. Tu és, Senhor, o Pão  
Entregue por amor de nós!.  
Ressuscitado, Vencedor,  
escuta a nossa voz!

*A assembleia:*

2. Na noite em que ele foi traído,  
repartiu o pão:  
“Tomai, comei, isto é meu Corpo,  
Entregue em vossas mãos!”

*O coro:*

3. Na Ceia derradeira,  
com o vinho em suas mãos:  
“Tomai, bebei”, disse, “é meu Sangue,  
não fluiu em vão!”

*A assembleia:*

4. Quem come o pão dos fortes,  
por Sua Força viverá;  
Quem bebe o vinho novo,  
a morte enfim derrotará.

*O coro:*

5. É Cristo, o Pão celeste,  
repartido pelos seus:  
por Ele alimentados,  
somos um só Corpo em Deus!

*A assembleia:*

6. À Cruz de Cristo, unida,  
a Igreja co’ Ele reinará!  
A morte em Cristo é vida,  
n’Ele o Amor renascerá.

*Após o canto proposto ou outro canto eucarístico, faz-se um instante de silêncio para a oração pessoal.*

## BÊNÇÃO EUCHARÍSTICA

### TANTUM ERGO

*De joelhos, canta-se o hino eucarístico:*

Tantum ergo sacramentum  
veneremur cernui,  
et antiquum documentum  
novo cedat ritui;  
praestet fides supplementum  
sensum defectui.  
Genitori Genitoque  
laus et iubilatio,  
salus, honor, virtus quoque  
sit et benedictio;  
procedenti ab utroque  
compar sit laudatio.  
Amen.

Tão sublime Sacramento,  
adoremos neste altar,  
Pois o Antigo Testamento  
deu ao Novo seu lugar.  
Venha a fé por suplemento  
os sentidos completar.  
Ao eterno Pai cantemos  
e a Jesus, o Salvador.  
Ao Espírito exaltemos,  
na Trindade eterno amor.  
Ao Deus uno e trino demos  
a alegria do louvor.  
Amém.

### Oração

*O presidente:*

**Oremus.**

Deus, qui nobis sub sacramento mirabili  
passionis tuae memoriam reliquisti,  
tribue, quaesumus,  
ita nos Corporis et Sanguinis tui  
sacra mysteria venerari,  
ut redemptionis tuae fructum  
in nobis iugiter sentiamus.  
Qui vivis et regnas in saecula saeculorum.

**R/.** Amen.

**Oremos**

Senhor Jesus Cristo, que neste admirável  
Sacramento nos deixastes o memorial da  
vossa Paixão, dai-nos venerar com tão  
grande amor o mistério do vosso Corpo e  
do vosso Sangue, que possamos colher  
continuamente os frutos da vossa  
Redenção. Vós que viveis e reinais com o  
Pai, na unidade do Espírito Santo.

Amém.

*O sacerdote ou o diácono dá a bênção com o Santíssimo Sacramento.*

### Aclamações

*O coro ou um leitor entoa e a assembleia repete:*

1. Benedictus Deus.

2. Benedictum Nomen Sanctum eius.
3. Benedictus Iesus Christus, verus Deus et verus homo.
4. Benedictum Nomen Iesu.
5. Benedictum Cor eius sacratissimum.
6. Benedictus Sanguis eius pretiosissimus.
7. Benedictus Iesus in sanctissimo altaris Sacramento.
8. Benedictus Sanctus Spiritus, Paraclitus.
9. Benedicta excelsa Mater Dei, Maria sanctissima.
10. Benedicta sancta eius et immaculata Conceptio.
11. Benedicta eius gloriosa Assumptio.
12. Benedictum nomen Mariae, Virginis et Matris.
13. Benedictus sanctus Ioseph, eius castissimum Sponsus.
14. Benedictus Deus in Angelis suis, et in Sanctis suis.

**Amen.**

1. Bendito seja Deus.
2. Bendito seja o seu Santo Nome.
3. Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.
4. Bendito seja o nome de Jesus.
5. Bendito seja o seu Sacratíssimo Coração.
6. Bendito seja o seu preciosíssimo sangue.
7. Bendito seja Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento do altar.
8. Bendito seja o Espírito Santo Paráclito.
9. Bendita seja a grande Mãe de Deus Maria Santíssima.
10. Bendita seja a sua Santa Imaculada Conceição.
11. Bendita seja a sua gloriosa Assunção.
12. Bendita seja o nome de Maria Virgem e Mãe.
13. Bendito seja São José, seu castíssimo esposo.
14. Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

**Amém.**

*Enquanto o Santíssimo Sacramento é depositado no tabernáculo, entoa-se o canto:*

### Salmo 116

*O coro:*

1. Laudate Dominum, omnes gentes;  
laudate eum, omnes populi.

1. *Cantai louvores ao Senhor, todas as gentes,  
povos todos, festejai-o!*

*A assembleia:*

2. Quoniam confirmata est super nos  
misericordia eius,  
et veritas Domini manet in aeternum.

2. *Pois comprovado é seu amor para conosco,  
para sempre ele é fiel.*



*O coro:*

3. Gloria Patri et Filio,  
et Spiritui Sancto.

3. *Glória ao Pai e ao Filho  
e ao Espírito Santo,*

*A assembleia:*

4. Sicut erat in principio,  
et nunc, et semper,  
et in saecula saeculorum. Amen.

4. *como era no principio,  
agora e sempre. Amém.*

### **Antífona mariana**

SALVE, REGINA

*O coro e a assembleia:*

Salve, Regina,  
Mater misericordiae,  
vita, dulcedo et spes nostra, salve.  
Ad te clamamus, exsules filii Evae.  
Ad te suspiramus gementes et flentes  
in hac lacrimarum valle.  
Eia ergo, advocata nostra,  
illos tuos misericordes oculos  
ad nos converte.  
Et Iesum, benedictum fructum ventris tui,  
nobis, post hoc exsilium, ostende.  
O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria!

*Salve, Rainha,  
Mãe de misericórdia,  
vida, doçura e esperança nossa, salve!  
A vós bradamos, os degredados filhos de Eva;  
A vós suspiramos, gemendo e chorando  
neste vale de lágrimas.  
Eia, pois, advogada nossa,  
esses vossos olhos misericordiosos  
a nós volvei;  
E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus,  
bendito fruto do vosso ventre.  
Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!*

## **Santo Rosário**

### ***A esperança dos pobres jamais se frustrará***

Come se recita o Santo Rosário?

Em nome e do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Vinde, ó Deus, em meu auxílio;  
socorrei-me sem demora.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.  
Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Antes de cada dezena, enuncia-se o “mistério” a ser contemplado. Por exemplo, no primeiro mistério gozoso se contempla “a Anunciação do Anjo a Maria”.

Após uma breve pausa de reflexão, recitam-se: um Pai-Nosso, dez Ave-Marias e um Glória.

Ao final de cada dezena da coroa do Rosário, podem-se acrescentar invocações e orações. As que aqui são propostas provêm da Novena a Nossa Senhora de Banneux, a Virgem dos Pobres.

Ao final do Rosário, são recitadas a Salve-Rainha, a Ladainha a Nossa Senhora ou outras orações marianas.

### **Introdução**

#### **Da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres**

O Senhor não abandona a quem O procura e a quantos O invocam; “não esquece o clamor dos pobres” (Sl 9, 13), porque os seus ouvidos estão atentos à sua voz. A esperança do pobre desafia as várias condições de morte, porque sabe que é particularmente amado por Deus e, assim, triunfa sobre o sofrimento e a exclusão. A sua condição de pobreza não lhe tira a dignidade que recebeu do Criador; vive na certeza de que a mesma ser-lhe-á restabelecida plenamente pelo próprio Deus. Ele não fica indiferente à sorte dos seus filhos mais frágeis; pelo contrário, observa as suas fadigas e sofrimentos, para os tomar na sua mão, e dá-lhes força e coragem (cf. Sl 10, 14).

**C.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

**T.** Amém.

#### **Primeiro Mistério**

##### ***Vós sois, Senhor, o meu único bem***

“Tu dizes: ‘Sou rico e abastado e não careço de nada’, e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu!” (Ap 3,17).

#### **Do Livro dos Provérbios (30,7-9)**

Duas coisas eu te pedi,  
esperando que não as recuses, antes de eu morrer:  
afasta de mim vaidade e mentira,  
e não me dê indigência nem riqueza,  
concedendo-me apenas minha porção de alimento.  
Isto para que, estando farto, eu não seja tentado a renegar-te  
e comece a dizer “Quem é o Senhor?”  
ou, tendo caído na indigência, me ponha a roubar  
e profane o nome do meu Deus.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres**

A numerosos grupos de pessoas, a crise econômica não lhes impediu um enriquecimento tanto mais anômalo quando confrontado com o número imenso de pobres que vemos pelas nossas estradas e a quem falta o necessário, acabando por vezes humilhados e explorados. Passam os séculos, mas permanece imutável a condição de ricos e pobres, como se a experiência da história não ensinasse nada.

#### ***Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,*

*Rogai por nós.*

**Oremos:** Virgem dos Pobres, acompanhai-nos a Jesus, única fonte de graça, e ensinai-nos a ser dóceis ao Espírito Santo, para que se acenda em nós o fogo do amor que Ele veio nos trazer para o vinda do Seu Reino.

Por Cristo, nosso Senhor.

**ou:** Virgem Maria, luz de quem caminha na escuridão, sustentai os passos daqueles que são explorados e mortificados na sua dignidade, para que possamos viver na certeza de que Deus não é indiferente à sorte dos Seus filhos.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

### **Segundo Mistério**

#### ***A Vós eu busco, Senhor, minha esperança***

“Buscai o Senhor, todos os humildes da terra, que realizais seu direito. Buscai a justiça, buscai a humildade. Talvez sereis protegidos no dia da ira do Senhor” (Sf 2,3).

### **Do Livro do Sirácida (Eclesiástico) (4,1-4.8)**

Filho, não prives da esmola o pobre; não desvies do pobre os teus olhos.

Não entristeças quem tem fome e não exasperes o pobre em sua indigência.

Não aflijas o coração do indigente e não adies a ajuda ao angustiado.

Não rejeites a súplica do aflito e não desvies do indigente o teu rosto.

Inclina ao pobre teu ouvido sem má vontade, paga-lhe a tua dívida

e responde-lhe com brandura e mansidão.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres**

Todos os dias encontramos famílias obrigadas a deixar a sua terra à procura de formas de subsistência noutra lugar; órfãos que perderam os pais ou foram violentamente separados deles para uma exploração brutal; jovens em busca duma realização profissional, cujo acesso lhes é impedido por míopes políticas económicas; vítimas de tantas formas de violência, desde a prostituição à droga, e humilhadas no seu íntimo. Além disso, como esquecer os milhões de migrantes vítimas de tantos interesses ocultos, muitas vezes instrumentalizados para uso político, a quem se nega a solidariedade e a igualdade? E tantas pessoas sem abrigo e marginalizadas que vagueiam pelas estradas das nossas cidades?

#### ***Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,*

*Rogai por nós.*

**Oremos:** Virgem dos Pobres, que dissestes: “Crede em mim, e eu crerei em vós”, nós vos agradecemos, porque nos recordais da vossa confiança. Ajudai-nos a fazer escolhas conformes ao Evangelho e a administrar a nossa liberdade no serviço recíproco e no amor de Cristo para a glória do Pai. Amém.

**ou:** Virgem Maria, sustento dos que em vós esperam, conservai no vosso coração todos os que são obrigados a deixar a própria terra, para que encontrem acolhida na solidariedade dos irmãos e irmãs. Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

### **Terceiro Mistério**

#### ***Erguei-me de novo, Senhor, não me abandoneis***

“Do pó ele ergue o indigente, e do lixo retira o pobre para fazê-lo sentar-se entre os príncipes, entre os príncipes do seu povo” (Sl 113,7).

#### **Do Livro do Profeta Isaiás (14,30.32)**

Os primogênitos dos indigentes serão apascentados,  
e os pobres repousarão com segurança.

Sim, o Senhor fundou Sião, e nela se refugiam os pobres do seu povo.

#### **Da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres**

Na Escritura, o pobre é o homem da confiança! É precisamente esta confiança no Senhor, esta certeza de não ser abandonado, que convida o pobre à esperança. Sabe que Deus não o pode abandonar; por isso, vive sempre na presença daquele Deus que Se recorda dele. A sua ajuda estende-se para além da condição atual de sofrimento, a fim de delinear um caminho de libertação que transforma o coração, porque o sustenta no mais profundo do seu ser.

#### ***Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,  
Rogai por nós.*

**Oremos:** Virgem dos Pobres, salvai as nações! Concedei-nos a graça de sermos guiados por governantes sábios e que todos os povos, vivendo na paz e na concórdia, formem um único rebanho fiel ao único pastor.

Por Cristo, nosso Senhor.

**ou:** Virgem Maria, consoladora dos enfermos e dos desesperados, cuidai dos que, hoje, vivem na precariedade e na marginalização, para que, confiantes na fidelidade do Senhor, os seus corações sejam reabertos à esperança.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

### **Quarto Mistério**

#### ***Fazei de mim, Senhor, testemunha da alegria do Evangelho***

“O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me para levar a boa nova aos pobres, para curar os de coração quebrantado, proclamar aos cativos a libertação, aos encarcerados a liberdade” (Is 61,1).

### **Do Evangelho segundo Lucas (6,20-23)**

Bem-aventurados vós, os pobres, pois vosso é o Reino de Deus!

Bem-aventurados vós que agora passais fome, pois sereis saciados!

Bem-aventurados vós que agora estais chorando, pois haveis de rir!

Bem-aventurados sereis quando vos odiarem, vos expulsarem e injuriarem, quando banirem o vosso nome como coisa má, por causa do Filho do Homem.

Alegrai-vos, nesse dia, e exultai, pois grande é vossa recompensa no céu.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres**

“Felizes vós, os pobres”. O sentido desse anúncio paradoxal é precisamente que o Reino de Deus pertence aos pobres, porque estão na condição de o receber. Encontramos tantos pobres cada dia! Às vezes parece que o transcorrer do tempo e as conquistas da civilização, em vez de diminuir o seu número, aumentam-no. Passam os séculos, e aquela Bem-aventurança evangélica apresenta-se cada vez mais paradoxal: os pobres são sempre mais pobres, e hoje são-no ainda mais. Mas, colocando no centro os pobres ao inaugurar o seu Reino, Jesus quer-nos dizer precisamente isto: Ele inaugurou, mas confiou-nos, a nós seus discípulos, a tarefa de lhe dar seguimento, com a responsabilidade de dar esperança aos pobres.

### ***Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,*

*Rogai por nós.*

**Oremos:** Virgem dos pobres, confortai os enfermos com a vossa presença. Ensinai-nos a levar, junto de Jesus, a nossa cruz quotidiana e fazei que nos empenhemos lealmente no serviço pelos pobres e pelos que sofrem.

Por Cristo, nosso Senhor.

**ou:** Virgem Maria, coração aberto e pronto para acolher tanto os que têm fome de pão quanto os que têm sede de justiça, nós vos apresentamos os nossos irmãos e irmãs explorados e humilhados: tornai-nos atentos às suas necessidades e disponíveis a caminhar com eles.

Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

### **Quinto mistério**

#### ***Senhor, dai-me a graça de viver a comunhão convosco e com os irmãos e irmãs***

“A multidão dos fieis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e sobre todos eles descia generosamente a graça de Deus. Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o depositavam aos pés dos apóstolos. Depois, era distribuído conforme a necessidade de cada um” (At 4, 32-35).

### **Do Evangelho segundo Mateus (25,34-36)**

Vinde, benditos de meu Pai!

Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo;

pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber;

eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes;

doente, e cuidastes de mim; na prisão, e viestes até mim.

### **Da Mensagem do Papa Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres**

Antes de tudo, os pobres precisam de Deus, do seu amor tornado visível por pessoas santas que vivem ao lado deles e que, na simplicidade da sua vida, exprimem e fazem emergir a força do amor cristão. Deus serve-se de tantos caminhos e de infinitos instrumentos para alcançar o coração das pessoas. Os pobres precisam das nossas mãos para se reerguer, dos nossos corações para sentir de novo o calor do afeto, da nossa presença para superar a solidão. Precisam simplesmente de amor... Os pobres são pessoas a quem devemos encontrar: são jovens e idosos sozinhos que se hão de convidar a entrar em casa para partilhar a refeição; homens, mulheres e crianças que esperam uma palavra amiga. Os pobres salvam-nos, porque nos permitem encontrar o rosto de Jesus Cristo.

#### ***Pai-Nosso, 10 Ave-Marias, Glória...***

*Ó Maria, Mãe dos Pobres,  
Rogai por nós.*

**Oremos:** Virgem dos Pobres, nós cremos em vós e, confiando na vossa materna intercessão, nós nos abandonamos à vossa proteção. A vós entregamos o caminho que a Igreja está percorrendo neste terceiro milênio, o crescimento moral e espiritual dos jovens, as vocações religiosas, sacerdotais, missionárias e a obra da nova evangelização.

**ou:** Virgem Maria, colo acolhedor para quem vive na solidão e no abandono, não permitais que nenhum dos vossos filhos e filhas sofra pela falta de carinho e de amizade, mas intercedei para que eles encontrem irmãos e irmãs dispostos a acolhê-los e a oferecer-lhes uma palavra amiga. Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.

#### **Salve Regina**

*Salve, Rainha,  
Mãe de misericórdia,  
vida, doçura e esperança nossa, salve!  
A vós bradamos, os degredados filhos de Eva;  
A vós suspiramos, gemendo e chorando  
neste vale de lágrimas.  
Eia, pois, advogada nossa,  
esses vossos olhos misericordiosos  
a nós volvei;  
E depois deste desterro, mostrai-nos Jesus,  
bendito fruto do vosso ventre.  
Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!*

#### ***Ladainhas evangélicas (Mt 5,1-12)***

Maria, Mãe dos pobres em espírito,

rogai por nós!

Maria, Mãe dos aflitos,

“

Maria, Mãe dos humildes,

“

Maria, Mãe dos que têm fome e sede de justiça, “  
Maria, Mãe dos misericordiosos, “  
Maria, Mãe dos puros de coração, “  
Maria, Mãe dos construtores da paz, “  
Maria, Mãe dos perseguidos, “

### **Oremos**

Senhor Jesus, nosso irmão, nós vos pedimos pelos pobres,  
pelos doentes, pelos idosos, pelos excluídos;  
pelos que têm fome e não têm pão, e também pelos que têm pão e não têm fome;  
pelos que se veem pisoteados pelos demais;  
pelos explorados, pelos alcoolizados, pelas prostitutas;  
por quem está sozinho, por quem está cansado.  
Libertai os que creem, Senhor,  
do pensamento segundo o qual basta um gesto de caridade para sanar tanto sofrimento.  
Os pobres sempre estarão em meio a nós:  
eles são o sinal da nossa pobreza de peregrinos,  
símbolo das nossas desilusões,  
vestígio dos nossos desesperos.  
Nós vamos tê-los sempre conosco, ou melhor, dentro de nós.  
Concede, ó Senhor, ao vosso povo em caminho  
a honra de socorrer quem ficou parado ao longo da estrada  
e de estarmos prontos para estender-lhe a mão para reinseri-lo no percurso,  
na certeza de que quem espera em Vós não ficará frustrado.  
Amém.

*(D. Tonino Bello, Palavras de Amor)*

**Ou:**

### **Ladainha a Maria Mãe dos Pobres (França)**

Senhor, tende piedade de nós.	Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, tende piedade de nós.	Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.	Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, ouvi-nos.	Cristo, ouvi-nos.
Cristo, atendei-nos.	Cristo, atendei-nos.
Deus Pai, nosso criador,	tende piedade de nós.
Deus Filho, nosso redentor,	tende piedade de nós.
Deus Espírito Santo, nosso santificador,	tende piedade de nós.
Trindade santa, um só Deus,	tende piedade de nós.
Santa Maria,	guiai o nosso caminho.

Santa Mãe de Deus,	iluminai a nossa estrada.
Santa Virgem das virgens,	dai-nos o Vosso Filho.
Filha do povo de Deus,	guiiai o nosso caminho.
Virgem de Nazaré,	iluminai a nossa estrada.
Escolhida entre as mulheres,	dai-nos o Vosso Filho.
Virgem de coração simples,	guiiai o nosso caminho.
Esposa de José operário,	iluminai a nossa estrada.
Rainha das famílias,	dai-nos o Vosso Filho.
Mulher do nosso povo,	guiiai o nosso caminho.
Esperança dos oprimidos,	iluminai a nossa estrada.
Confiança dos mais pobres,	dai-nos o Vosso Filho.
Virgem, Mãe de Cristo,	guiiai o nosso caminho.
Virgem, Mãe da Igreja,	iluminai a nossa estrada.
Virgem, Mãe da humanidade,	dai-nos o Vosso Filho.
Mãe que nos conheceis,	guiiai o nosso caminho.
Mãe que nos escutais,	iluminai a nossa estrada.
Mãe que nos entendeis,	dai-nos o Vosso Filho.
Virgem filha da humanidade,	guiiai o nosso caminho.
Filha de um povo peregrino,	iluminai a nossa estrada.
Presença viva na história,	dai-nos o Vosso Filho.
Mãe que conheceis a dor,	guiiai o nosso caminho.
Mãe aos pés da cruz,	iluminai a nossa estrada.
Mãe dos que sofrem,	dai-nos o Vosso Filho.
Senhora da alegria,	guiiai o nosso caminho.
Virgem luminosa,	iluminai a nossa estrada.
Rainha da paz,	dai-nos o Vosso Filho.

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,   perdoai-nos, Senhor.  
 Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,   ouvi-nos, Senhor.  
 Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo,   tende piedade de nós.

Rogai por nós, ó Santa Mãe de Deus,           para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

### **Oremos**

Pai bondoso, dai-nos a graça de cantar junto de Maria a vossa infinita bondade e de gozar sempre da vossa proteção, pois nela Vós nos destes uma rainha clemente para com os pecadores e misericordiosa para com os pobres. Por Cristo, nosso Senhor.

Amém.



## Propostas pastorais

A missão de todo cristão é amar como Jesus amou, olhar com acolhimento e respeito para cada pessoa humana, qualquer que seja a sua condição ou fé. É esse amor em Jesus Cristo que nos impulsiona a construir o seu Reino, um Reino de Justiça, de paz e de amor; que procura tornar concreta a presença do Deus que se inclina sobre toda criatura. É esse mesmo Deus quem se ocupa, com a nossa ajuda, da miséria dos últimos para levar-lhes paz e conforto, para que eles descubram que a sua esperança não será frustrada. Com Ele nós podemos quebrar todas as cadeias que mantêm prisioneiros os homens e mulheres de hoje. Diante de todos aqueles que vivem com dificuldade, não podemos nem permanecer em silêncio, nem cruzar os braços. O fogo do Espírito, que queima em nós, faz com que não sejamos indiferentes aos nossos irmãos e irmãs para podermos tratar das suas chagas e reerguê-los, conduzindo-os, assim, à cura. Todavia, para conseguir realizar isso, é preciso que nos dediquemos com alegria e determinação. O bem-estar do outro deve ser a nossa única preocupação, pois é ali que se encontra Cristo: “*Todas as vezes que fizestes isso a um destes mínimos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes*” (Mt 25, 40).

### **A pobreza aparente e a pobreza escondida**

Os pobres são uma boa parte das pessoas que compõem a nossa sociedade. Seria redutivo usar a palavra *pobres* só para os desabrigados que encontramos pelas estradas das grandes cidades. Existe a pobreza aparente, mas também a pobreza escondida. E quem são esses pobres escondidos? São tantos pais e mães que lutam, às vezes, mesmo tendo um trabalho, para manter a própria família. São as famílias monoparentais que, com o sem suporte social, tem dificuldades para realizar os seus sonhos, mesmo aqueles mais simples. São os adolescentes sob o jugo da escravidão das drogas, os quais não conseguem mais sonhar com seu futuro. São também tantos idosos que, no ocaso de sua vida, ainda se preocupam se poderão ou não continuar tendo uma moradia ou mesmo se conseguirão pagar ainda os alimentos e medicamentos. A fé no Senhor, que jamais frustra a esperança dos pobres, impulsiona-nos a abrir os olhos diante das várias formas de pobreza, visíveis e invisíveis.

O escopo do *Dia Mundial dos Pobres* não deve ser limitado a apenas um evento ou a um só dia do ano. Não basta fazer uma visita rápida a um centro que ajuda os pobres e estender-lhes as mãos, talvez, para desejar-lhes boa sorte. O *Dia* pode ser ocasião para, pelo menos, três momentos importantes: em primeiro lugar, para evidenciar e celebrar o cumprimento das atividades realizadas durante o ano; em segundo lugar, é ocasião para avaliar e identificar quais poderiam ser modificadas e quais novas poderiam ser introduzidas no próximo ano; e finalmente, ocasião para a atuação e atualização das atividades escolhidas.

Podemos, sim, fazer a diferença quando vivemos a proximidade e solidariedade do Evangelho. Conscientes de que o Senhor não se esquece do grito

dos pobres, cabe a nós, então, a responsabilidade de realizar o seu Reino, de ser, naquilo que nos toca, reflexo de Cristo para eles, como eles o são para nós.

### **Sugestões**

Sugere-se a criação de ocasiões de encontros em nível comunitário (diocesano, paroquial, na comunidade religiosa) para rezar juntos, refletir e ler juntos os *sinais dos tempos*, para poder responder às necessidades dos diversos contextos sociais nos quais vivemos e que variam de lugar a lugar.

### **Os jovens e suas famílias**

- Oferecer momentos de aprofundamento e debate, palestras sobre temas como: a violência (familiar, conjugal, social), sobre o cuidado de si e das emoções, sobre a autoestima, o respeito, a dimensão do amor cristão, o dom de si, etc.
- Organizar uma atividade com os jovens que provêm de famílias mais desfavorecidas, uma atividade de entretenimento que favoreça a integração.
- Propor um espetáculo com artistas locais, cantores, atores, um circo, etc.
- Promover atividades esportivas, teatrais, laboratórios, etc.
- Exibir um filme apropriado, ao ar livre ou em algum cinema ou sala da comunidade.
- Organizar atividades para as famílias mais necessitadas, para fazer com que elas vivam um momento criativo e possa ser valorizadas.
- Organizar para os jovens uma *caça ao tesouro*.

### **Pessoas desabrigadas ou sem moradia fixa**

- Organizar um concerto a céu aberto e oferecer-lhes uma refeição quente.
- Propor uma *noite para os sem-teto*. Um grande passeio com eles e os paroquianos, com espetáculos musicais, uma atmosfera festiva (organizar doação de calçados, sacos de dormir, roupas para o inverno e outras coisas para as necessidades pessoais e melhor conforto).
- Inaugurar um jardim público. Plantar árvores frutíferas próximo da Igreja, que possam dar frutos para todos.
- Propor aos desabrigados que assumam também uma pequena responsabilidade, com o objetivo de que aprendam não só a receber, mas também a dar e colaborar.

### **Idosos e enfermos**

- Visitá-los assiduamente.
- Organizar momentos de festa.
- Oferecer cursos gratuitos para que possam aprender a usar recursos tecnológicos (computador, redes sociais, etc.).

### **Envolvimento dos paroquianos**

- Algumas semanas antes do evento, organizar momentos de *formação e informação* para sensibilizar os paroquianos diante da temática e motivá-los ao compromisso.

- Envolver os idosos (possivelmente também junto dos jovens) na confecção ou recolhimento de roupas, calçados, acessórios (luvas, cachecóis), etc. que poderiam ser doados durante o *Dia Mundial dos Pobres*.

### **Propostas para durar por todo o ano**

- Formar um coro, incluindo os pobres. (Isso permite devolver confiança e autoestima às pessoas, ajuda-as a ter um compromisso em determinado horário, uma disciplina, e faz-lhes descobrir que podem ser capazes de levar algo aos outros). Pode-se promover um concerto ligado ao *Dia Mundial*, bem como em outras circunstâncias oportunas durante o ano pastoral (Natal, Páscoa, festa do padroeiro, etc.).
- Criar uma *rede amiga* de voluntários que se ocupem dos idosos e organizem as visitas, eventuais cuidados, e possam manter contato com eles para verificar se estão bem.
- As comunidades paroquiais solidifiquem as relações com outras organizações de solidariedade presentes em seu território, promovendo uma reunião ou mesa-redonda para otimizar as ações de intervenção em favor dos mais necessitados.
- Organizar uma cozinha coletiva ou pontos de coleta de alimentos.
- Ensinar como cozinhar a baixo custo, a cozinhar juntos e, também, a alimentar-se de maneira saudável.
- Organizar colônias de férias (campos de veraneio) ou atividades diurnas para as crianças de famílias desfavorecidas.

(IV di copertina)

### **O LOGÓTIPO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES**

A dimensão da reciprocidade é contemplada pelo logótipo do *Dia Mundial dos Pobres*. Vê-se uma porta aberta e, à entrada, duas pessoas que se encontram. Ambas estendem a mão: uma porque pede ajuda, a outra porque pensa em oferecer ajuda. Na verdade, é difícil compreender qual dos dois é o verdadeiro pobre. Melhor dizendo, ambos são pobres. Quem estende a mão para entrar está a pedir partilha; quem estende a mão para ajudar é convidado a sair para partilhar. São duas mãos estendidas que se encontram, em que cada uma delas oferece algo. São dois braços que exprimem solidariedade e que se provocam reciprocamente, convidando a não ficar no limiar da porta, mas a ir ao encontro um do outro. O pobre pode entrar em casa quando quem está dentro compreende que a ajuda é partilha. Neste contexto, tornam-se ainda mais expressivas as palavras que o *Papa Francisco* escreveu na Mensagem para o *I Dia Mundial dos Pobres*: “Benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem ‘se’ nem ‘mas’, nem ‘talvez’: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus”.

*Um agradecimento especial:*

- *Ao Mosteiro das Carmelitas Descalças “B. V. M. do S. Rosário” (Capocolonna - Crotona, Itália);*
- *À Rev. Ir. Cecilia del Mundo, Filha de Maria Auxiliadora, Comunidade de Venilale (Inspetoria Timor Oriental – Indonésia);*
- *Ao Rev. Prof. Serafino Parisi (Pontifícia Universidade Teológica da Itália Meridional - I.T.C. “S. Pio X” - Catanzaro, Itália);*
- *Ao Rev. Prof. Gianni Gualtieri (Comissão Nacional do Setor Apostolado Bíblico e Comissão para a Doutrina da fé, a evangelização e a catequese da Toscana, Itália);*
- *Ao Rev. Fabio Marella (Caritas Diocesana -Florença, Itália.);*
- *Ao Rev. Pierpaolo Lippo (Pontificio Istituto Biblico - Roma, Itália).*